

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE FARMÁCIA, ODONTOLOGIA E ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
MESTRADO EM ENFERMAGEM**

FERNANDA LIMA ARAGÃO DIAS

**INFLUÊNCIA DA TELENOVELA NO USO DO PRESERVATIVO PELOS
ADOLESCENTES MASCULINOS NA PREVENÇÃO DO HIV/AIDS**

FORTALEZA

2011

Created with

 **nitro**^{PDF} professional

download the free trial online at nitropdf.com/professional

FERNANDA LIMA ARAGÃO DIAS

**INFLUÊNCIA DA TELENOVELA NO USO DO PRESERVATIVO PELOS
ADOLESCENTES MASCULINOS NA PREVENÇÃO DO HIV/AIDS**

**Dissertação de mestrado apresentada à
Banca Examinadora do Curso de
Mestrado em Enfermagem da
Universidade Federal do Ceará, como
requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Enfermagem.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Neyva
da Costa Pinheiro.**

FORTALEZA

2011

D532i Dias, Fernanda Lima Aragão

Influência da telenovela no uso do preservativo pelos adolescentes masculinos na prevenção do HIV/AIDS/
Fernanda Lima Aragão Dias. – Fortaleza, 2011.
90 f.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Neyva da Costa Pinheiro
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará.
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Fortaleza,
Ceará.

1. Adolescente 2. HIV 3. Meios de Comunicação I. Pinheiro,
Patrícia Neyva da Costa (orient.) II. Título.

CDD:616.9792

FERNANDA LIMA ARAGÃO DIAS

**INFLUÊNCIA DA TELENVELA NO USO DO PRESERVATIVO PELOS
ADOLESCENTES MASCULINOS NA PREVENÇÃO DO HIV/AIDS**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em 24 de fevereiro de 2011

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Patrícia Neyva da Costa Pinheiro
Universidade Federal do Ceará - UFC
Orientadora

Prof. Dr. Marcos Venícios de Oliveira Lopes
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profª Drª Preciliana Barreto de Moraes
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

Profª Drª Francisca Elisângela Teixeira Lima
Universidade Federal do Ceará - UFC

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelos momentos de paz e inspiração ao longo deste estudo;

Aos meus pais, Carlos e Dora, por me ensinarem a ter dedicação, coragem para enfrentar os desafios e a lutar pelos meus ideais;

Ao meu irmão, Venícius, pelo incentivo à realização do Curso de Mestrado;

Ao meu esposo, Villian, pelo amor e carinho, pela ajuda na construção técnica da dissertação e pelo estímulo à continuidade dos meus estudos;

A minha orientadora, Prof^a Patrícia Neyva da Costa Pinheiro, pela disposição e sabedoria e por ter me impulsionado a crescer e a desenvolver este estudo científico;

À banca examinadora, Prof^o Marcos Venícios de Oliveira Lopes, Prof^a Preciliana Barreto de Moraes, Prof^a Francisca Elisângela Teixeira Lima, pela contribuição teórica e metodológica;

À acadêmica de enfermagem Lígia, pela colaboração na coleta de dados;

Aos professores do Curso do mestrado, pelo aprendizado adquirido e pelos ensinamentos;

Aos integrantes do projeto AIDS: Educação e Prevenção, pela oportunidade de realizar as produções científicas;

Aos funcionários do Departamento de Enfermagem, pela disposição em favorecer e garantir o bom funcionamento do curso.

“De tudo, ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos fazer
Da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma fonte...
Da procura...um encontro”.

Fernando Pessoa

RESUMO

A adolescência é caracterizada pela necessidade de conhecer mais sobre si e sobre o mundo, nela a sexualidade e o sexo têm destaque. Contudo, esta experimentação sexual está relacionada ao meio social e cultural no qual estes adolescentes estão inseridos. Então, por ser o hábito de assistir a telenovela um costume cultural e social dos adolescentes, pode-se inferir que a telenovela pode exercer influência no comportamento sexual destes indivíduos. Dessa forma, o objetivo foi investigar a influência da telenovela no comportamento sexual dos adolescentes diante da vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV. Trata-se de um estudo caso-controle, de natureza quantitativa, realizado em sete escolas do ensino médio da rede pública e estadual de Fortaleza-CE. A população do estudo foi composta por adolescentes do sexo masculino, matriculados regularmente no ensino médio destas escolas públicas. Selecionou-se a amostra foi selecionada pela aplicação de critérios de inclusão e exclusão quanto ao uso do preservativo masculino nas relações sexuais. Para constituir cada grupo caso e controle com 67 adolescentes do sexo masculino e com faixa etária equivalente se utilizou o método de pareamento. Aplicaram-se dois questionários para coletar os dados durante o período de agosto a novembro de 2010. Para a análise dos dados adotou-se o SPSS versão 16.0. O projeto da pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética sob nº de protocolo 71/10 e aplicou-se o termo de consentimento livre e esclarecido antes da aplicação dos questionários. Os adolescentes apresentaram idade média de 16,79 anos, eram solteiros, estavam cursando o 2º ano do ensino médio, não trabalhavam e apresentaram uma renda familiar de menos de três salários mínimos. Enquanto 45 adolescentes do grupo caso residiam com até duas pessoas que trabalham, 49 do grupo controle residiam com mais de duas pessoas que trabalham ($p=0,061$). Em média, os adolescentes de ambos os grupos iniciaram a sua vida sexual aos 14,44 anos de idade ($p=0,847$). Três adolescentes do grupo caso estavam “ficando” com a parceira sexual atual em comparação aos onze do grupo controle, e vinte adolescentes do grupo caso estavam namorando em relação aos 26 do grupo controle ($p=0,651$). Cinco adolescentes do grupo caso tiveram mais de uma parceira sexual em comparação aos dez do outro grupo ($p=0,025$). Motivos como curiosidade ($p=0,038$) e atração ($p=0,038$) foram os que mais incentivaram os adolescentes ao início da vida sexual. Os adolescentes do grupo controle (38) assistiam mais às telenovelas da Rede Globo que os do grupo caso (27) ($p=0,057$). Sobressaiu a Malhação como a telenovela mais assistida pelos adolescentes do grupo controle (19) seguido pelos do grupo caso (9) ($p=0,034$). Segundo quinze adolescentes do grupo controle em comparação aos cinco adolescentes do grupo caso a telenovela influenciou seu comportamento sexual ($p=0,062$). Conforme se concluiu, apesar de os adolescentes disporem do mesmo nível socioeconômico e freqüentarem o mesmo tipo de escola, a telenovela contribuiu, preponderantemente, para a prática pelos adolescentes do grupo controle dos seguintes comportamentos de risco: possuir mais de uma parceira sexual e não usar o preservativo masculino em todos os intercursos sexuais com a namorada e com “ficantes”. Isto favoreceu o aumento da sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV.

Palavras-chave: Adolescente, HIV, meios de comunicação.

ABSTRACT

Adolescence is characterized by the need of knowing more about themselves and the world, with special reference to sexuality and sex. However, this sexual experimentation is related to the social and cultural environment in which these adolescents are inserted. So, being the habit of watching soap operas a cultural and social habit presented by adolescents, we can assume that soap operas can influence the sexual behavior of adolescents. Thus, the objective was to investigate the influence of soap operas in the sexual behavior of adolescents concerning the vulnerability to HIV infection. This is a case-control study of quantitative approach carried out in seven high schools from the public state net of Fortaleza-CE. The study population was composed of male adolescents who were regularly enrolled in these high schools. The sample was selected through the application of inclusion and exclusion criteria on the use of condoms during sexual intercourse. We used the matching method for each case and control groups with 67 male adolescents with age equivalents. Two questionnaires were applied for data collection, from August to November 2010. For data analysis we used the SPSS version 16.0. The research project was approved by the Ethics Committee under protocol N°. 71/10 and the free and informed consent was applied before the questionnaires. Adolescents had a mean age of 16.79 years, single, studying in the 2nd year of high school, no job, family income up to three minimum wages. 45 adolescents in the case group were living with up to two people working, while 49 in the control group lived more than two people working ($p=0.061$). Adolescents of both groups started their sex life, on average, at 14.44 years old ($p=0.847$). Three teenagers in the case group were "dating" the current sexual partner compared to 11 in the control group, and 20 adolescents had a girlfriend in the case group compared to 26 in the control group ($p=0.651$). Five teenagers in the case group presented more than one sexual partner in comparison to 10 in the other group ($p=0.025$). The reasons curiosity ($p=0.038$) and attraction ($p=0.038$) were the ones that most encouraged the teenagers to begin their sexual life. Teenagers in the control group (38) watched more soap operas from Rede Globo than the case group (27) ($p=0.057$). The soap opera "Malhação" was the most watched by adolescents in the control group (19) than in the case group (9) ($p=0.034$). 15 adolescents in the control group compared to the five in the case group showed that the soap opera influenced their sexual behavior ($p=0.062$). It was concluded that although teenagers present the same socioeconomic level and go the same type of school, the soap opera contributed to the practice by adolescents in the control group of the following risk behaviors: having more than one sexual partner, not use condoms in all sexual intercourse with girlfriends and "dates", which increased their vulnerability to HIV infection.

Keywords: Adolescent, HIV, Communications Media.

LISTA DE TABELAS

1 - Caracterização demográfica e socioeconômica dos adolescentes. Fortaleza – CE, 2010-----	45
2 - Pessoas que residem com os adolescentes de acordo com o grau de parentesco. Fortaleza – CE, 2010-----	47
3 - Caracterização dos relacionamentos afetivos dos adolescentes. Fortaleza – CE, 2010-----	48
4 - Faixa etária de início da vida sexual e número de parceiras sexuais. Fortaleza – CE, 2010-----	49
5 - Motivos que impulsionaram os adolescentes a se relacionarem sexualmente pela primeira vez. Fortaleza – CE, 2010-----	50
6 – Hábito de assistir à telenovela das emissoras de televisão pelos adolescentes e número de telenovelas assistidas por dia. Fortaleza – CE, 2010-----	50
7 - Telenovelas assistidas pelos adolescentes. Fortaleza – CE, 2010-----	51
8 - Motivos que atraem a atenção dos adolescentes no momento da exibição das telenovelas. Fortaleza – CE, 2010-----	53
9 - Relação entre o ato de assistir a telenovelas e o comportamento sexual dos adolescentes. Fortaleza – CE, 2010-----	59

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	
1 INTRODUÇÃO -----	10
2 OBJETIVOS -----	18
3 REVISÃO DE LITERATURA -----	19
3.1 O comportamento sexual do adolescente e a sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV -----	19
3.2 A telenovela e a vulnerabilidade do adolescente à infecção pelo vírus HIV -----	29
4 METODOLOGIA -----	37
4.1 Tipo de estudo -----	37
4.2 Local e período do estudo -----	38
4.3 População e amostra da pesquisa -----	39
4.4 Recursos para coleta de dados -----	41
4.5 Análise dos dados -----	43
4.6 Aspectos éticos -----	43
5 RESULTADOS -----	45
6 DISCUSSÃO -----	56
7 CONCLUSÃO -----	70
REFERÊNCIAS -----	74
APÊNDICES -----	82
Apêndice A - Primeiro questionário -----	82
Apêndice B - Segundo questionário -----	84
Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -----	88
ANEXO -----	89
Anexo A - Parecer do Comitê de Ética -----	89

1 INTRODUÇÃO

O estudo propôs investigar a influência da telenovela sobre o comportamento sexual do adolescente, uma vez que esse produto da televisão (TV) aborda assuntos como sexualidade e relacionamento sexual de maneira constante e, tal informação é interpretada, na maioria das vezes, pelo adolescente como verdade absoluta, não surgindo, portanto, questionamentos e reflexões sobre o assunto abordado. Como evidenciado, a telenovela está presente como forma de lazer do adolescente desde o início da adolescência e, muitas vezes, para este adolescente a única fonte de esclarecimento das suas dúvidas sobre vida sexual são as informações veiculadas nas cenas das telenovelas.

Ademais, a telenovela pode aumentar a vulnerabilidade do adolescente à infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) na medida em que esse indivíduo tenha baixo potencial para ressignificar as mensagens veiculadas pela telenovela aliado ao seu pouco poder de julgar de maneira crítica e reflexiva as informações recebidas e os modelos de conduta divulgados pela trama novelesca. Estes fatores, o induzem, provavelmente, ao comportamento sexual desprotegido conforme exibido com frequência nessa produção da TV, como amplamente divulgado pela mídia (VILLELA; DORETO, 2006).

Nesse contexto, esclareça-se: a mídia é o conjunto de emissoras de rádio e televisão, de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam variados recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa (GUAZINA, 2007). Atualmente, a sociedade convive com a era cultural da comunicação em massa, a qual, desde 1970, vem se intensificando e se difundindo rapidamente em meio à população brasileira, destacando-se pela sua atuação educativa abrangente e universal juntamente com a escola e a família de maneira interdependente (SETTON, 2002).

Ainda consoante Setton (2002), os meios de comunicação de massa agem no processo de comunicação, transmissão de informação e entretenimento, difundindo valores e normas de conduta. Assim, o indivíduo pode orientar suas ações e comportamentos, refletir sobre a realidade social, política e econômica embasado em parâmetros advindos de imagens, códigos e conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa.

A mídia é um importante setor industrial, uma área de confronto político e um sistema de intervenção cultural e de agregação social em expansão no planeta. Entre os seus constituintes, destaca-se a TV por seu marcante papel na transformação social, na socialização do conhecimento, na promoção cultural e do entretenimento; enfim, pela ampla participação na formação pessoal, política e social dos indivíduos (FERNANDES, 2003).

Tal destaque justifica-se, pois a TV constitui o meio de comunicação mais difundido por toda a sociedade e o que mais influencia as atitudes e pensamentos da população de uma forma geral. Seus conteúdos e imagens são veiculados para os diversos públicos sem distinção de faixa etária e de gênero, sendo considerado o melhor meio de comunicação (RIZZINE et al., 2005).

Em corroboração ao exposto, sobressai o fato de a TV estar presente em mais de 87% dos lares brasileiros, e ser um aparelho social que reproduz a ordem vigente, política e social, recalca e libera tensões, instintos e pulsações, erotiza ou reprime a sexualidade, incorpora ou sublima a violência e alterna qualidade e baixaria (MOURA, 2002).

Desse modo, a mídia televisiva apresenta um largo espectro de ação, mas, sobretudo, reduz barreiras físicas entre o telespectador ou leitor e o conhecimento, influenciando fortemente as ações e o comportamento sexual de muitos adolescentes dos mais diferentes níveis socioeconômicos. Entre os inúmeros temas abordados ressaltam-se os inerentes à saúde. Por exemplo, matérias sobre estilos de vida determinam a forma como o adolescente deve cuidar do seu corpo diante das inúmeras modificações ocorridas durante esta fase e como podem expressar sua sexualidade. De modo geral, os produtos, as ações e comportamentos divulgados pela TV são assimilados pelo adolescente sem uma reflexão a priori, podendo contribuir com a educação sexual deste de maneira negativa ou positiva (SANTOS; SILVA, 2008).

Quanto à veiculação de temas relacionados à saúde, a televisão destaca-se por ser uma das principais fontes de informação sobre Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids); ocupa o segundo lugar (41,5%) na opinião dos adolescentes, perdendo espaço apenas para a escola (CAMARGO; BOTELHO, 2007).

Entre os programas apresentados pela TV, enfatiza-se a telenovela, caracterizada por associar ficção com realidade, pois os assuntos veiculados são

situações vivenciadas também no cotidiano dos brasileiros. Assim, cativam a atenção do público por misturar fatos fantasiosos com os reais em que o brasileiro se identifica com o personagem e com a situação experienciada por ele. Além disso, a telenovela é uma difusora cultural ao apresentar estilos de vida, valores e costumes diversificados, e focar assuntos polêmicos como homossexualismo, virgindade, violência, gravidez na adolescência, e temas ligados à saúde, como abuso de drogas e álcool, deficiência física e medular, problemas mentais, entre outros (MARQUES, 2008).

Ainda segundo esta fonte, associada a essa função, a telenovela é uma fonte de entretenimento e informação sobre assuntos diversificados, inclusive relacionados com a saúde sexual. No entanto, as informações são superficiais e não permitem uma discussão mais aprofundada sobre sexo e sexualidade entre os personagens. Ademais, há a veiculação de muita pornografia e relacionamento sexual entre seus atores sem promover, no entanto, uma discussão quanto às conseqüências advindas do comportamento sexual desprotegido, podendo suggestionar o adolescente ao desejo de experimentar o sexo precocemente sem o cuidado com o uso de métodos preventivos para reduzir sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV (MARQUES, 2008).

Portanto, a telenovela pode aumentar a vulnerabilidade do adolescente à infecção pelo vírus HIV, na medida em que fatores de natureza individual, coletiva e contextual contribuem para fortalecer a influência desta no comportamento sexual do adolescente e, assim, torná-lo mais susceptível ao acometimento por esse vírus. Isto porque o contexto social, econômico e cultural no qual cada indivíduo está inserido exerce interferência nos seus pensamentos e no seu comportamento sexual. Então, se assistir continuamente à telenovela, discutir com familiares, amigos e vizinhos suas cenas e desfechos, misturar ficção com realidade e seguir o estilo de vida, de vestimentas e de comportamento dos seus personagens é um costume cultural absorvido pela maioria da população brasileira e, notadamente, do adolescente, a telenovela pode provocar modificação no comportamento sexual dos adolescentes.

Nesse âmbito, enfatiza-se: a vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV envolve a articulação de aspectos de ordem individual, social e pragmática. Desse modo, o indivíduo se torna vulnerável ao acometimento por essa infecção quando não está devidamente informado acerca desta e das formas de preveni-la, nem possui capacidade de assimilar os conhecimentos adquiridos e praticá-los

efetivamente no seu dia-a-dia. Somado a isso, a vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV pode aumentar quando a pessoa não possui acesso a meios educativos que lhe proporcionem conhecimentos e o conscientizem acerca da necessidade da mudança de comportamento sexual para a prevenção dessa infecção.

Concomitantemente, os programas nacionais, regionais e locais podem contribuir para o aumento da vulnerabilidade da pessoa à infecção pelo vírus HIV ao não canalizarem recursos sociais existentes para investir em projetos educativos que enfoquem individualmente ou de modo coletivo os fatores de ordem individual, afetiva e cultural que impedem as pessoas de utilizarem regularmente e de modo sistemático o preservativo. Portanto, com essa atitude, podem ajudar os indivíduos a ampliarem seus conhecimentos sobre essa patologia, a refletirem sobre as consequências negativas advindas da prática sexual desprotegida e a se conscientizarem sobre os benefícios oriundos do uso da camisinha (AYRES et al., 2009).

Como apontam Ayres et al (2009), a telenovela pode aumentar a vulnerabilidade do adolescente à infecção pelo vírus HIV quando exhibe exageradamente cenas de sexo de maneira natural e permissiva, sem a devida discussão quanto às consequências negativas provenientes do relacionamento sexual desprotegido. Pode, pois, estimular o adolescente a experimentar o sexo sem emitir julgamento reflexivo sobre os resultados vindouros desse comportamento para a sua vida. Esse indivíduo pode também se tornar mais vulnerável à infecção pelo vírus HIV se a família, a escola, o enfermeiro e as políticas públicas não estiverem conscientes da ascendência da telenovela sobre o modo de pensar e agir dos adolescentes e não se articularem para exigirem a exibição de tramas novelescas que retratem menos a nudez e a liberalização sexual e mais temas educativos no tocante ao relacionamento sexual protegido e com mínimos riscos para a infecção pelo vírus HIV.

Com base na discussão acerca da vulnerabilidade do adolescente à infecção pelo vírus HIV sob a interferência ideológica da telenovela, desponta-se para o seguinte fato: o comportamento dos jovens de ambos os sexos quanto à prevenção da infecção pelo vírus HIV é bastante sugestionado pelos aspectos socioculturais e econômicos do meio onde estão inseridos, assim como por fatores afetivos que interferem no uso do preservativo na ocasião do sexo. Assim, a telenovela age como um fator sociocultural possível de alterar o comportamento

sexual dos adolescentes por ser uma fonte de informação sobre sexo e relacionamento sexual. Por conseguinte, cabe a esses indivíduos analisar de modo crítico e reflexivo o conteúdo veiculado no intuito de reduzir uma provável influência negativa exercida pela telenovela sobre o comportamento sexual dos adolescentes e, portanto, de diminuir a vulnerabilidade desses indivíduos à infecção pelo vírus HIV.

Após estas considerações acerca do poder da telenovela no comportamento sexual dos adolescentes, enfatizam-se algumas considerações. O adolescente pertence à faixa etária compreendida entre 10 e 19 anos (WHO, 2009; CEARÁ, 2002) e se caracteriza pela vivência de transformações físicas de natureza hormonal e psicossocial (HOCKENBERRY, 2006; PAPALIA, 2006). Além disso, experiencia o processo de aceitação das alterações ocorridas na aparência física, de estabelecimento das relações de grupo, de desenvolvimento da sua personalidade e da construção dos seus valores pessoais (CARVALHO, 2006).

Ainda de acordo com Carvalho (2006), esta experiência se dá de maneira conflituosa e recebe forte influência do meio social e cultural no qual o adolescente está inserido, sendo notória a influência dos amigos, da sociedade e da mídia na vida pessoal, social, cultural e sexual do adolescente.

Vivenciar a sexualidade com um parceiro ou parceira é uma das experiências de maior repercussão na vida do adolescente. É a vivência do novo e um processo de experimentação pessoal fortemente dominado por fatores sociais e culturais do grupo a que o adolescente pertence (GUBERT; MADUREIRA, 2008).

De modo geral, a necessidade do adolescente de experienciar novidades o conduz a práticas sexuais precocemente, na maioria das vezes sem um conhecimento fundamentado sobre relacionamento íntimo interpessoal e formas de prevenção do HIV. Quase sempre este conhecimento provém de fontes duvidosas, como de indivíduos do seu círculo de amizade e da mesma faixa etária, que são imaturos em relação ao assunto, e da mídia, estando, assim, vulneráveis à infecção pelo HIV (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

De acordo com o último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (BRASIL, 2008), está crescendo o número de adolescentes infectados pelo vírus HIV e portadores da aids, pois, em 2007, havia 550 casos de aids diagnosticados em adolescentes inclusos na faixa etária de 13 a 19 anos, e, no ano de 2008, foram diagnosticados 587 casos entre esses indivíduos. Da mesma forma, ao verificar o

número de casos detectados entre pessoas de 20 a 29 anos de idade, conforme percebeu-se, em 2007, houve 7.399 casos de aids, enquanto em 2008, diagnosticaram-se 7.472 casos. Se for considerado o período que o portador da enfermidade pode ficar assintomático - em média de dez a quinze anos, observa-se que a infecção pelo vírus HIV deu-se da adolescência ao início da idade adulta (BRASIL, 2009).

Decorre que, a partir destes dados estatísticos e dos prejuízos desta doença à saúde física, social e emocional dos adolescentes, o acometimento deles pela aids é um problema de saúde pública e exige a atenção dos diversos setores sociais. Ao se contrair esta doença se requer adaptação, pois os relacionamentos sexuais deverão beneficiar a saúde do parceiro e prevenir o aumento da sua carga viral, o equilíbrio emocional para enfrentar o preconceito social e o conhecimento de que diante da diminuição da imunidade celular poderão despontar as doenças oportunistas (NETTINA, 2003).

No tocante à prevenção da infecção pelo vírus HIV, as adolescentes do sexo feminino iniciam sua vida sexual com homens de maior experiência sexual e mais expostos aos riscos de contaminação por aids (HOLANDA et al., 2006), além de disporem de pouco poder de negociação com o parceiro quanto ao uso de um método preventivo na prática de relações sexuais (MARTINS et al., 2006). Já os adolescentes masculinos começam sua vida sexual mais cedo com amigas, profissionais do sexo, homossexuais, têm muitas parceiras e se prostituem mais, estando assim vulneráveis ao acometimento por patologias desta espécie (TAQUETTE; VILHENA; PAULA, 2004).

Juntamente com isso, como apontam os adolescentes, grande parte das escolas não promove a educação sexual, apesar de ser esta uma temática que deve ser abordada neste tipo de ambiente segundo o preconizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental ao médio de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 2009). Sobressai, também o fato de muitas famílias não discutirem esta temática com seus filhos adolescentes, havendo apenas o estímulo para o início dos relacionamentos sexuais e amorosos para os do sexo masculino sem, contudo, sensibilizá-los a respeito de medidas de prevenção da aids. Assim, conforme os adolescentes a principal fonte de informação sobre sexualidade e

prática sexual é a mídia que continuamente retrata aspectos ligados a este assunto (TORRES et al., 2008).

Então, o interesse em desenvolver esse estudo com adolescentes surgiu pela compreensão de serem indivíduos que enfrentam modificações de natureza diversificada e se expõem a riscos como a infecção pelo HIV, em virtude da influência do meio sociocultural sobre o comportamento do jovem adolescente. Desse modo, ele é levado a vivenciar a sexualidade e a ter relacionamentos sexuais precocemente, sugestionados pela sociedade e mídia.

E ainda: a importância de realizar o estudo com adolescentes do sexo masculino adveio do pressuposto segundo o qual o uso do preservativo masculino é determinado por questões culturais e sociais, pois o homem é cobrado pela sociedade e pelos amigos ao início da sua vida sexual, para comprovar sua masculinidade heterossexual e para se afirmar como homem. Isto conduz os adolescentes a priorizarem a experimentação do prazer em detrimento do cuidado com o uso da camisinha para a prevenção da infecção pelo vírus HIV. Além disso, embora o homem nas relações sexuais subseqüentes prefira realizar a atividade sexual com parceiras fixas não deixa de realizá-la com parceiras eventuais, e nesta situação o uso do preservativo masculino é determinado pela confiança nestas parceiras. Associado a isso, os adolescentes se preocupam mais com a prevenção de uma gravidez não planejada do que com a proteção no tocante ao acometimento pelo vírus da aids. Para tal, não se exige o uso constante e consistente do preservativo masculino nas relações sexuais (GUBERT; MADUREIRA, 2008; TONELI; VAVASSORI, 2004).

De modo geral, os adolescentes do sexo masculino são fortemente influenciados pelos ideais de masculinidade e virilidade difundidos socialmente, pelo grupo de amigos e pela telenovela, além de serem incentivados por essa ao início sexual precoce por meio da exibição de cenas eróticas e de sexo de modo banalizado (TONELI; VAVASSORI, 2004), sem, muitas vezes, incentivar o uso da camisinha em todas as relações sexuais. Diante dessa informação, aguçou-se o interesse de realizar essa pesquisa tocada na influência exercida pela telenovela no comportamento sexual do adolescente do sexo masculino no referente ao uso constante e consistente do preservativo masculino, principal meio de prevenção contra a infecção pelo vírus HIV.

A escolha por adolescentes do ensino médio de uma escola pública advém do fato de serem adolescentes com menor poder aquisitivo e menor nível de esclarecimento, porquanto o aspecto socioeconômico interfere na interpretação das situações de saúde-doença e na maior precocidade do início das relações sexuais e, conseqüentemente, na maior exposição à infecção pelo vírus HIV, pois a desigualdade socioeconômica é um fator determinante para a iniciação sexual e para o conhecimento e prevenção da infecção pelo HIV (BARBOSA et al., 2006; CAMARGO; BERTOLDO, 2006).

Realizar a pesquisa na escola foi uma opção por considerá-la uma instituição de confiança dos jovens e que os acolhe durante grande parte das suas vidas e no decorrer da maior parte do seu tempo útil. Concomitantemente, conforme se acredita, pesquisas desenvolvidas pela enfermagem nas escolas facilitam a união entre esses importantes setores sociais para a formulação de medidas educativas que auxiliem os adolescentes a solucionar dificuldades de natureza afetiva, social e cultural quanto ao uso regular de métodos preventivos à infecção pelo vírus HIV.

Essa pesquisa é, pois, relevante por demonstrar o modo como a telenovela influencia o comportamento dos adolescentes em face da vulnerabilidade à infecção pelo HIV, pois é notório o alto poder de interferência dos conteúdos veiculados por essa produção da televisão na vida sexual dos adolescentes. Além disso, proporcionará o conhecimento de como a telenovela interfere no modo de agir e pensar dos adolescentes, podendo ou não torná-los vulneráveis ao risco de infecção pelo vírus HIV.

2 OBJETIVOS

- Identificar o perfil dos adolescentes do sexo masculino matriculados na rede pública de ensino médio de Fortaleza-Ceará;
- Investigar a influência da telenovela no comportamento sexual dos adolescentes do sexo masculino matriculados na rede pública de ensino médio de Fortaleza-Ceará, diante da vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 O comportamento sexual do adolescente e sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV

O adolescente vivencia modificações de natureza psicológica, social, física, cognitiva e emocional, e, ao mesmo tempo, experiencia um rápido processo de crescimento e desenvolvimento. Tal processo é conhecido por puberdade, e nele as principais manifestações são o início das funções dos órgãos reprodutores, o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários e o crescimento físico, devido, basicamente, à ação hormonal (HOCKENBERRY, 2006).

Com isso, a adolescência é o período que compreende a puberdade, no qual ocorrem alterações no crescimento e desenvolvimento. Nessa fase, 20 a 25% da altura e 30 a 50% do peso do adulto são atingidos, além do aumento da massa corporal, do total alcance da função das glândulas sebáceas e sudoríparas e da distribuição dos pelos pelo corpo e modificações na sua textura de maneira específica. Acontecem também diferenciações no desenvolvimento dos adolescentes quanto ao gênero, pois as meninas passam pela menarca, pelo desenvolvimento da mama e pela expansão do tecido uterino e os meninos vivenciam o acréscimo no tamanho do pênis e testículos, a voz torna-se grave e ocorre o início das emissões noturnas espontâneas do sêmen (MUSCARI; HARGROVE-HUTTEL, 1998).

Em paralelo a essas alterações, o adolescente enfrenta uma fase de medo e insegurança quanto à aceitação das mudanças do seu corpo físico e o modo como esse corpo é apresentado para o seu grupo de amigos e para as pessoas do sexo oposto; da mesma maneira, a capacidade de assumir papéis adultos também o aflige. Mas o adolescente aceitará melhor essas alterações advindas da puberdade se receber o apoio do seu grupo de amigos e se a sua família manifestar-lhe paciência, compreensão e amor (MUSCARI; HARGROVE-HUTTEL, 1998).

Ainda conforme esses autores, o adolescente vivencia o contato íntimo com o outro em busca de satisfazer curiosidades e seus desejos fartamente florados, de acordo com os seus valores e crenças culturais e emocionais e com os comportamentos, sentimentos e pensamentos cultivados pelo grupo do qual é

constituente. Assim, a iniciação sexual e a contínua prática do sexo pelo adolescente é uma forma de conquista e poder utilizada para expressar e receber afeto e também uma resposta à pressão do grupo de amigos (MUSCARI; HARGROVE-HUTTEL, 1998).

Dessa maneira, a turma de amigos dos adolescentes é um dos importantes fatores determinantes do seu comportamento e modo de pensar, pois eles são dependentes dos valores e julgamentos da turma (CEARÁ, 2002), na medida em que almejam assumir uma identidade independente da autoridade dos seus pais e identificar sua função na sociedade (HOCKENBERRY, 2006).

Sob a influência do círculo de amizades e de convivência social e afetiva, o adolescente, que é um ser caracterizado pela impulsividade e ações impensáveis, está se envolvendo, cada vez mais cedo, em relacionamentos sexuais cujo comportamento diante do parceiro é determinado por questões de gênero, nas quais o homem, pelo desejo de manifestar seu poder e controle sobre o sexo oposto, força a mulher a praticar relações sexuais. Esta, pelo pouco poder de negociação e receio de perder o parceiro, cede à pressão masculina. Diante dessa circunstância, o mais alarmante é a relação sexual desprotegida, pois, muitas vezes, não há o uso adequado e sistemático de métodos preventivos, expondo o adolescente à infecção pelo vírus HIV (VILLELA; DORETO, 2006; BRÊTAS et al., 2009).

Atualmente, os adolescentes estão vivenciando uma experiência conhecida como “ficar”, traduzida como uma forma de se relacionar afetivamente com o outro sem compromisso e sem a promessa de fidelidade, pois o desejo desse indivíduo é experienciar situações novas, conhecer e se envolver com diferentes pessoas (DIÓGENES; BORIS, 2002). Dessa forma, a constante busca de novos prazeres, realizações e novidades, a sensação de imortalidade, a necessidade de pertencer a um grupo constituído por outros da sua mesma faixa etária, o qual é um dos principais agentes determinantes para suas ações e pensamentos, e a precocidade no início das relações sexuais podem conduzir o adolescente ao contato com o vírus HIV.

Portanto, o “ficar” é um tipo de relação comum e típica da adolescência bastante aceita pelos adolescentes por ser ocasional e não implicar obrigatoriamente compromisso futuro, oportunizando o acontecimento de um maior número de “ficas” e, conseqüentemente, de uma quantidade aumentada de

parceiras sexuais, já que o “fica” propicia a troca de beijos, abraços, carinhos e sexo (JUSTO, 2005; BORGES; SCHOR, 2007).

Com base nessas considerações, consoante se percebe, o adolescente passa pela fase de transição entre a infância e a idade adulta e pelo processo de maturação física, psicológica e social, estando, em função disso, muitas vezes, despreparados para a tomada de decisões cruciais de maneira responsável e madura. Surgem, então, interrogações sobre o modo como o adolescente está iniciando sua vida sexual e se está utilizando regularmente métodos preventivos à infecção pelo vírus HIV, uma vez que o relacionamento sexual e as consequências advindas desse ato exigem dos indivíduos seriedade, amadurecimento e responsabilidade para conduzir as situações vindouras.

Diante dessas indagações, segundo mostrado por estudos, a vida em grupo, em sociedade e o desejo sexual aflorado pelas alterações hormonais típicas desse período estão influenciando o engajamento do adolescente em relações sexuais de maneira precoce. Como evidenciado, 58% dos homens e 21,3% das mulheres iniciaram sua vida sexual, mediante a ocorrência do coito ou não, totalizando cerca de 35,5% de adolescentes que já haviam mantido relacionamento sexual, cujo início deu-se principalmente entre a faixa etária de 13 a 19 anos (MARTINS et al., 2006; VIANA et al., 2007; MONTEIRO; MEDEIROS; OLIVEIRA, 2007).

Conforme se depreende, o conhecimento sobre a importância do uso do preservativo existe, pois uma pesquisa com adolescentes em escolas públicas mostrou que de acordo com 92% das mulheres e 78% dos homens o uso do preservativo em todas as relações sexuais é a melhor maneira de prevenção contra a infecção pelo vírus HIV (BRÊTAS et al., 2009). No entanto, pesquisas apontam que somente o conhecimento acerca dos benefícios proporcionados pelo uso consistente do preservativo é insuficiente para garantir sua utilização sistemática, pois, como mostrou, 65,4% dos adolescentes usam o preservativo na primeira relação sexual (PAIVA et al., 2008) e apenas 60% deles continuam a usa-lo em todos os intercursos sexuais (MARTINS et al., 2006). Da mesma forma, como apontou 73,8% dos adolescentes usaram o preservativo na primeira relação sexual com as parceiras, ou seja, determinados adolescentes usam o preservativo e outros o negligenciam (GUBERT; MADUREIRA, 2008).

Diante desses dados, conforme outra pesquisa 71,4% dos homens e 28,6% das mulheres têm mais de dois parceiros sexuais e 46% dos homens e 64,5% das mulheres nunca usam ou usam às vezes o preservativo. Este resultado diverge de outro segundo o qual 54% dos homens e 35,5% das mulheres usam quase sempre ou continuamente o preservativo (TAQUETTE; VILHENA; PAULA, 2004). Também em outro estudo verificou-se a divergência no uso do preservativo pelos adolescentes quando a parceira é uma “ficante” ou uma namorada, pois 38% dos adolescentes masculinos utilizaram o preservativo com a “ficante”, enquanto somente 32% o utilizaram com a namorada (SALDANHA et al., 2008).

Em face dessa realidade quanto ao uso do preservativo, os estudos demonstram que os adolescentes conhecem o benefício proporcionado pelo uso do preservativo, no entanto, estão praticando o sexo precocemente, com mais de duas parceiras e sem o uso regular e sistemático da camisinha. Este comportamento sinaliza a grande vulnerabilidade desses adolescentes à infecção pelo vírus HIV e a necessidade de medidas educativas empreendidas pelos profissionais, sobretudo o enfermeiro, escola e família. Cabe-lhes conscientizá-los acerca da importância da utilização constante do preservativo masculino em todas as relações sexuais e estabelecer um diálogo crítico e reflexivo abordando os fatores impeditivos para o uso da camisinha pelos adolescentes de ambos os sexos.

Enfatiza-se, no entanto: o homem, apesar de iniciar a vida sexual mais cedo, com várias parceiras, usa mais o preservativo do que as mulheres. Portanto, a questão de gênero é um potente fator determinante da vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV, pois embora as mulheres detenham mais conhecimentos acerca do modo de acometimento por esse patógeno e método preventivo e iniciarem a prática do sexo mais tardiamente, possuem pouco poder de negociação com o parceiro pelo uso contínuo do preservativo. Elas acreditam na fidelidade do companheiro e se submetem ao relacionamento sexual desprotegido, estando, pois, mais vulneráveis conforme demonstrado pelos dados epidemiológicos que sinalizam a feminização da pandemia da aids oriunda dos relacionamentos heterossexuais (MARTINS et al., 2006; PAIVA et al., 2008; SILVA; VARGENS, 2009; FIGUEIREDO; TERENCEZI, 2008).

Assim, tanto o comportamento sexual dos adolescentes masculinos, como o uso do preservativo masculino são determinados por questões culturais e sociais, pois, como mencionado, o homem é cobrado pela sociedade e pelos amigos ao início da sua vida sexual, o mais cedo possível, com qualquer parceira sexual, no

intuito de comprovar sua masculinidade heterossexual e para se afirmar como homem. Isto pode ser comprovado por pesquisa segundo a qual os adolescentes iniciam sua vida sexual com “ficantes” (45,1%), amigas (27,4%) e namoradas (19,8%). Como observado, os adolescentes separam sexo de amor, porquanto, para o sexo, não é necessário nutrir sentimento pela parceira, mas sim priorizar a experimentação do prazer. Mencionam-se, ainda, o imprevisto, a ansiedade, a inexperiência e a falta de habilidade para a colocação adequada da camisinha como fatores que dificultam o uso do preservativo masculino na primeira relação sexual (GUBERT; MADUREIRA, 2008).

Já em relações sexuais subsequentes, o homem prefere ser motivado pela afetividade e envolvimento emocional, na medida em que prefere manter relações sexuais com parceiras fixas sem abrir mão dos relacionamentos sexuais com parceiras eventuais. Assim, este dado é preocupante em virtude do aumento da vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV, quando o homem e suas parceiras sexuais negligenciam o uso constante do preservativo masculino com todas as parceiras sexuais (GUBERT; MADUREIRA, 2008). Além disso, o não uso do preservativo masculino em todas as relações sexuais, sejam estas com parceira fixa ou eventual, é influenciado pela concepção de que a colocação da camisinha interfere no clima da relação e reduz a sensibilidade, pela confiança na fidelidade da parceira, pelo desconhecimento do seu uso correto e adequado, e pela ideia de não ser necessária sua utilização constantemente, pois a maior preocupação do adolescente é com a prevenção de uma gravidez indesejada e não com a proteção da infecção pelo vírus HIV (TONELI; VAVASSORI, 2004).

Contudo, o acometimento dos adolescentes pelo vírus HIV é cada vez mais frequente e pode ser percebido mediante a análise de dados epidemiológicos que apontam para o crescente número desses indivíduos infectados pelo vírus HIV e portadores dessa doença. Por exemplo, em 2007, havia 550 casos de aids diagnosticados em adolescentes inclusos na faixa etária de 13 a 19 anos, e, no ano de 2008, foram diagnosticados 587 casos de aids entre esses indivíduos. Da mesma forma, ao verificar o número de casos de aids detectados entre pessoas de 20 a 29 anos de idade, em 2007, houve 7.399 casos de aids, enquanto em 2008, foram 7.472 casos. Tal circunstância é analisada pelo fato de sinalizar a provável infecção pelo vírus HIV ocorrida na fase da adolescência, em virtude dos possíveis dez anos de ausência de manifestação da doença e, provavelmente, sem o diagnóstico de

aids, o que motivou a detecção dessa enfermidade apenas na idade adulta (BRASIL, 2009).

Juntamente com esses dados, conforme as estatísticas, o número de casos de adolescentes do sexo masculino, inclusos na faixa etária de 13 a 19 anos e doentes de aids, no Brasil, aumentou de 235 no ano de 2007 para 264 no ano de 2008. No tocante à população masculina na faixa etária entre 20 e 29 anos, o número de casos de aids passou de 4.151 no ano de 2007 para 4.361 no ano de 2008. Assim, esses últimos dados mostram a crescente infecção dos adolescentes do sexo masculino pelo vírus HIV, porquanto, adoecer de aids nesta faixa etária sinaliza que a infecção pelo vírus HIV ocorreu há, aproximadamente, dez anos. É preciso combater a infecção pelo vírus HIV e enfatiza-se o dever de trabalhar com essa faixa etária para evitar a continuidade destes dados (BRASIL, 2009).

Nesse âmbito, urge a elaboração e a implementação de medidas educativas individuais e em grupo condizentes com a realidade cultural, social, econômica e ideológica na qual os adolescentes do sexo masculino estão inseridos, com vistas a discutir os fatores que interferem na conduta sexual desses indivíduos e no concomitante uso de métodos preventivos. Urge também dialogar sobre as questões de gênero que influenciam consideravelmente o comportamento sexual dessas pessoas, pois, a partir disso, será possível planejar e determinar ações eficazes a serem praticadas pelos setores sociais, como família, escola e saúde.

Em face da discussão em torno da infecção pelo vírus HIV entre os adolescentes do sexo masculino, é oportuno esclarecer: esse vírus é o agente causador da aids e embora descoberto há trinta anos, continua incurável. Inegavelmente, a comunidade científica, a medicina e a indústria farmacêutica empreendem enormes esforços científicos e aplicam grandes cifras de capital para a descoberta de uma vacina e de potentes medicamentos no combate à doença, mas a cura definitiva ainda não foi alcançada. Ainda hoje, entre os muitos problemas que envolvem a aids sobressai o acometimento do sistema imunológico e, portanto, o surgimento de doenças oportunistas e debilitantes, o preconceito e a discriminação social a que o portador do vírus é submetido. No entanto, a medicina já evoluiu bastante, pois, no momento, os medicamentos antirretrovirais, distribuídos pelo Ministério da Saúde, possibilitam a recomposição estrutural e funcional do sistema imunológico e, por conseguinte, uma redução ou eliminação das doenças

oportunistas. Tal situação permite ao portador do vírus viver com qualidade de vida e exercer suas atividades sociais e laborais durante muito tempo (BASTOS, 2006).

Diante da problemática inerente ao portador do vírus HIV, destaca-se que a infecção por esse vírus é condicionada e determinada por fatores de natureza biológica, comportamental, cultural, social, econômica e política. Desde sua descoberta, entre os anos de 1981 e 1984, em diferentes países, a abordagem de grupos de risco para essa infecção tem evoluído para a noção de vulnerabilidade. Ou seja, o vírus HIV pode acometer qualquer pessoa mediante a influência do contexto social, econômico, político e cultural no qual está inserida (AYRES et al., 2009).

Assim, entre os anos de 1981 e 1984, quando ocorreram as primeiras notificações do vírus HIV, nos EUA e França, as medidas de prevenção e controle do vírus eram limitadas, ineficazes, preconceituosas, e sobretudo marcadas pela discriminação e isolamento dos denominados “grupos de risco” constituídos pelos homossexuais, haitianos, hemofílicos e usuários de drogas e pela veiculação de mensagens que apregoavam a abstinência sexual como medida preventiva (AYRES et al., 2009).

No entanto, ante a ineficiência dessa abordagem de risco, entre os anos de 1985 e 1988, o vírus HIV é detectado em pessoas de diferentes países, de diferentes faixas etárias, de ambos os sexos e de orientação sexual diversa. Evidenciou-se, então, a necessidade de realização de estratégias de prevenção assentadas no objetivo de estimular o indivíduo a mudar seu comportamento sexual por meio de informação e do adestramento para o uso do preservativo masculino, de controlar o funcionamento dos bancos de sangue, de promover o aconselhamento e posterior testagem do vírus HIV e de empreender estratégias para reduzir a infecção entre usuários de drogas (AYRES et al., 2009).

Dessa forma, do ano de 1989 até os dias atuais, à percepção segundo a qual a atuação do indivíduo no controle da infecção do vírus HIV era insuficiente, passou-se a defender que o entorno social, o econômico, o político e o cultural são determinantes na ocorrência da infecção pelo vírus HIV e na efetivação de medidas de prevenção. Assim, é fundamental a atuação tanto da medicina na descoberta de potentes medicamentos antirretrovirais, como dos formuladores e financiadores de políticas mais abrangentes juntamente com a mobilização individual e da sociedade para a luta contra a infecção pelo vírus HIV e contra o preconceito em relação aos

portadores do vírus (AYRES et al., 2009; PAIVA; PERES; BLESSA, 2002; AYRES, 2002).

Nessa vertente, o controle e a prevenção da infecção pelo vírus HIV entre os adolescentes do sexo masculino é função desses indivíduos como também do poder público, da sociedade, da família, da escola e do enfermeiro, pois esses devem assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos dos adolescentes referentes à vida, à saúde, à educação e ao respeito (BRASIL, 2001). Quanto ao processo de infecção pelo HIV e à adoção de medidas de prevenção pelos adolescentes, desponta o fato de serem esses indivíduos vulneráveis à infecção por esse vírus em virtude da atuação articulada entre os eixos individual, social e pragmático determinantes do processo de vulnerabilidade do adolescente ao acometimento por esse patógeno causador da aids (AYRES et al., 2009; MUÑOZ SÁNCHEZ; BERTOLOZZI, 2007).

Portanto, o adolescente pode estar vulnerável à infecção pelo vírus HIV, mediante a articulação dos referidos eixos pois quando ele não dispõe de acesso a informações e conhecimentos adequados e completos sobre as medidas de controle e de prevenção do vírus HIV provenientes dos meios de comunicação, da escola, da família e do enfermeiro, não possui a capacidade de metabolizar eficazmente essas informações e efetivá-las no momento da prática sexual. Desse modo, comporta-se sexualmente de maneira a prejudicar a prevenção da infecção por esse vírus, o qual compromete sua saúde e a da sua parceira. Além disso, o adolescente pode estar vulnerável a esse patógeno quando não tem poder de mobilizar a sociedade e de intervir nas decisões políticas para garantir seu direito à saúde, à escolha sexual e ao acesso a informações na qualidade e quantidade apropriada. Também é essencial e determinante da situação de vulnerabilidade que os programas nacionais, regionais e locais empreendam, gerenciem e monitorizem com compromisso e com a devida quantidade de recursos a ação governamental e não-governamental destinada ao controle e prevenção da infecção pelo vírus HIV entre os adolescentes, bem como atuem no fortalecimento desses indivíduos perante a pandemia da aids (AYRES et al., 2009).

Associando o modo como o adolescente pode se tornar vulnerável à infecção pelo HIV com os estudos sobre essa temática, Enfatiza-se: a escola tem atuado desfavoravelmente, pois os professores apontam o desinteresse dos alunos em discutir esse assunto, a insuficiência de tempo e a ausência de material

pedagógico adequado. Ademais, conforme apontado em estudo, apenas 13% dos adolescentes conversam com o docente sobre sexualidade e sexo (NASCIMENTO; LOPES, 2000), o que é preocupante em virtude de ser a escola um espaço destinado à aquisição de conhecimentos e habilidades cognitivas e sociais pelos adolescentes, à comunicação e interação entre professores e alunos e entre os discentes, ao estímulo à prática de reflexão e do pensamento crítico pelos adolescentes e ao ambiente onde deve existir o diálogo aberto sobre temas como sexualidade e prevenção ao HIV (AYRES et al., 2003; VILLELA; DORETO, 2006; BESERRA et al., 2008).

Em acréscimo a isso, segundo os adolescentes a escola é um ambiente propício para a discussão acerca de relacionamentos sexuais e a tomada de medidas preventivas que reduzam a possibilidade de ocorrer a infecção pelo vírus HIV, para o esclarecimento de dúvidas quanto a questões inerentes ao comportamento sexual e também para suprir a inexistência de diálogos entre pais e filhos sobre assuntos concernentes à sexualidade e sexo. No entanto, é visível o desconforto de certos educadores ao conversar sobre essas temáticas ao deixar transparecer ao aluno que aquele assunto é indecente, além de os professores alegarem a falta de tempo para dialogar com os discentes sobre esse tema e a ausência de material educativo apropriado (NONOYAMA et al., 2005; AYRES et al., 2003).

Assim, a inabilidade e pouca capacidade dos professores em abordar essa temática de tamanha importância é preocupante, pois a escola é um meio onde muitos adolescentes passam grande parte do seu tempo diário, e, também, um ambiente de referência para o comportamento do adolescente e um lugar no qual seus profissionais podem promover uma educação sexual participativa, discursiva e reflexiva com uma grande quantidade de adolescentes, inclusive com grupos de amigos, pois muitos desses são constituídos no meio escolar.

Assim como, a escola é fundamental para a educação sexual dos adolescentes, a família, por ser uma instituição formadora, atuante na socialização desses indivíduos e modelo de comportamento, precisa dialogar com os adolescentes sobre o comportamento sexual e a adoção de medidas preventivas à infecção pelo vírus HIV. Ainda assim, a conversa entre pais e filhos é dificultada pelas crenças, tabus e mitos acerca da sexualidade e sexo, os quais são demonstrados pelo despreparo e o desconhecimento dos pais para esclarecer as

dúvidas dos adolescentes sobre sexo, juntamente com a vergonha manifestada por esses adultos ao dialogarem sobre esse assunto, além do receio de que essa conversa possa estimular a prática do sexo antecipadamente (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006; AYRES et al., 2003). Ao mesmo tempo, às vezes, os pais querem conversar com o filho sobre sexo, mas este se fecha e diz não ter dúvidas e nem querer dialogar acerca dessa temática (MAIA, 2009).

Desse modo, apreende-se a dificuldade da família para discutir questões relacionadas ao sexo. Nesse contexto, cabe aos profissionais, como o enfermeiro, a promoção de medidas educativas com esses pais no intuito de propiciar o conhecimento acerca dessa temática e facilitar-lhes a intervenção educativa. Esta deve partir do pressuposto de que o adolescente é mais receptivo aos diálogos abertos, permeados pela descontração e amizade, e isentos de autoritarismo e coerção.

Paralelamente à atuação da escola e da família, as políticas públicas devem garantir ao adolescente um desenvolvimento natural e livre de riscos por meio de medidas de promoção e manutenção da sua saúde sexual mediante estratégias de redução da sua vulnerabilidade à infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana. Entre estas, a implementação de medidas voltadas à aquisição de conhecimentos, favorecedoras do acesso aos serviços públicos de saúde para o recebimento de preservativos femininos e masculinos. Tais conhecimentos devem possibilitar o exercício de atividades educativas nas quais se discuta sobre fatores culturais e sociais que dificultam o autocuidado da saúde sexual pelos adolescentes (SOUSA; ESPÍRITO SANTO; MOTTA, 2008).

Diante disso, observa-se a aplicação superficial dos princípios e diretrizes das políticas públicas em saúde, por se limitarem a estimular o uso do preservativo e a reduzir o preconceito em relação aos soropositivos. Portanto, não incentivam momentos de discussão familiares, comunitários e entre profissionais de saúde e indivíduo ou grupo sobre questões culturais que entravam o modo de se comportar sexualmente de maneira segura e com mínimos riscos à saúde sexual do adolescente.

Juntamente a esses outros setores sociais, o enfermeiro, considerado um profissional habilitado para atuar na promoção da saúde sexual dos adolescentes, deve desenvolver as habilidades desta população para a tomada de decisão responsável no tocante ao seu comportamento sexual, ao levar em conta os fatores

sociais, culturais e afetivos que interferem no modo de viver e pensar dos indivíduos; conscientizá-los para a prática de ações que minimizem ou anulem os riscos de infecção sexual e induzi-los a refletir sobre seu modo de agir sexualmente (MANDÚ, 2004; BESERRA; ARAÚJO; BARROSO, 2006).

Diante desses dados, consoante se apreende a maioria dos setores sociais não está promovendo medidas que incentivem e facilitem a adoção de um comportamento sexual com mínimos riscos à saúde dos adolescentes e que reduzam a incidência da infecção pelo HIV entre esses indivíduos. Assim, percebe-se a necessidade de mobilizar a sociedade para o exercício da educação sexual dos adolescentes de maneira congruente com a realidade social, política, econômica e afetiva na qual estão inseridos, e particularmente o enfermeiro, profissional habilitado para a realização de medidas educativas condizentes com o entorno social, cultural e econômico onde o adolescente está inserido. Mas, conforme observado, esta prática não se concretiza frequentemente em nenhum dos seus ambientes de trabalho.

3.2 A telenovela e a vulnerabilidade do adolescente à infecção pelo vírus HIV

De acordo com o mencionado por Mcquail (2003), os meios de comunicação de massa ou mídia são recursos utilizados para a comunicação aberta e a distância com muitos receptores num curto espaço de tempo. Eles foram desenvolvidos desde a organização das primeiras sociedades, principalmente em instituições religiosas, políticas e educacionais.

Como meios de comunicação de massa incluem-se o rádio, a televisão, os jornais, as revistas, o cinema e a internet, os quais agem no processo de comunicação, transmissão de informação e entretenimento, difundindo valores e normas de conduta. Assim, os indivíduos podem orientar suas ações e comportamentos, refletir sobre a realidade social, política e econômica embasados em parâmetros advindos de imagens, códigos e conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa (FISCHER, 2002; GUAZINA, 2007; CARDOSO, 2007; SETTON, 2002).

No âmbito da América Latina, a TV brasileira foi a primeira a ser implantada em 1950, cuja primeira emissora foi a TV Tupi localizada no Estado de São Paulo. Desde o início da sua transmissão limitada a poucos aparelhos de TV disponíveis, reúne famílias e vizinhanças para assistir aos programas veiculados, os quais detêm a função de entreter, informar, educar e difundir a cultura brasileira (MARQUES, 2008).

Assim, a TV, desde os primórdios da sua constituição, sobressai pelo seu potencial para produzir, processar, disseminar informações e mediar o processo educativo em tempo real. Isto a caracteriza como o principal meio de comunicação de massa a exercer influência ideológica sobre o comportamento das pessoas e, em especial, dos adolescentes (PITTA, 1995; TRAMONTE et al., 2005).

Além disso, a TV é o maior meio de comunicação de massa por transmitir conteúdos vistos por pessoas de diversas culturas e por centralizar a atenção da sociedade, na medida em que veicula produtos novos, fascinantes e diversificados (MARCONDES FILHO, 1994). Por esse motivo, os inúmeros telespectadores e, notadamente, os adolescentes, visualizam a TV como meio de entretenimento, distração, fuga dos problemas e dos estresses diários, informação, conhecimento e aprendizado sobre temáticas diversas de forma fácil, acessível e dinâmica.

Em acréscimo a essas características, a TV se destaca por veicular imagens e sons que retratam uma infinidade de temas, ao longo das 24 horas do dia, destinados a um variado e extenso público. Isto a caracteriza como a mídia que alcança o maior número de pessoas de diferentes faixas etárias, classes sociais, sexo e níveis de escolaridade. Quanto aos telespectadores adolescentes, as pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública (IBOPE) identificam as produções que mais apreendem sua atenção, e, com isso, elaboram e apresentam produções, programas e conteúdos repletos de novidades, de cenas surpreendentes e diversificadas, e atuantes na formação das identidades e subjetividades desses indivíduos, potentes consumidores da mídia televisiva (MORAIS, 1994; SOUZA, 2007).

Por conseguinte, a TV é um dos principais meios onde os adolescentes buscam informações sobre questões inerentes a assuntos diversificados, sobretudo os relacionados com a saúde, tendo em vista o esclarecimento das suas dúvidas e a apreensão da conduta a ser tomada diante das situações de saúde-doença (GARBIN; PEREIRA NETO; GUILAM, 2008; MIGUEL; TONELI, 2007). Como

afirmam determinados autores, a TV pode ser a principal educadora sexual desses indivíduos (BROW; WITHERSPOON, 2002; PENTEADO, 2009) e, por esse motivo, veicula assuntos referentes à infecção pelo vírus HIV em virtude de os adolescentes apontarem ser esse um dos temas mais pesquisados por eles, conforme demonstra um estudo envolvendo adolescentes segundo o qual 85% desses indivíduos referem que a TV é uma das fontes de informação sobre essa temática (BRÊTAS et al., 2009); do mesmo modo, consoante outra pesquisa, para 92,03% dos adolescentes a TV é um meio que proporciona conhecimento sobre o vírus HIV (MARQUES et al., 2006).

Mas, a mídia televisiva não é apenas uma fonte de conhecimento para os adolescentes sobre questões relacionadas à infecção pelo HIV; é também um meio que veicula conteúdos e imagens que estimulam a prática desenfreada de relações sexuais, o despertar para o sexo precocemente e a vivência de situações facilitadoras da exposição do adolescente ao vírus HIV (FISCHER, 2005; NONOYAMA et al., 2005).

Entre os programas e conteúdos exibidos pela televisão e mais visualizados pelos adolescentes, ressaltam-se as telenovelas. Conforme sua história, em 1951, foi veiculada a primeira no Brasil, na TV Tupi, denominada Sua Vida me Pertence, de autoria de Walter Foster, exibida duas vezes por semana, com duração média de vinte minutos e constituída a partir das contribuições do folhetim, das radionovelas, da publicidade, do cinema, do teatro e do teleteatro (BORELLI, 2001; MARQUES, 2008).

Com o passar dos anos, ampliam-se a aquisição de aparelhos de TV pelos brasileiros, foram surgindo novas emissoras de televisão e cresceram o número de telespectadores das novelas e a aceitação destas pelo público. Finalmente, em 1963, as telenovelas passaram a ser exibidas diariamente, de segunda-feira a sábado, por cerca de cinquenta a sessenta minutos e por aproximadamente seis meses. Firmaram-se como o produto de maior audiência da televisão brasileira e, portanto, o que mais influencia a opinião, os pensamentos e o comportamento de grande parcela da população (FISCHER, 2002; BERGAMO, 2006). Aliado a isso, a telenovela destaca-se por constituir o cotidiano dos seus telespectadores e, assim, induzi-los à identificação pessoal com as cenas e personagens exibidos, assim como com a história contada no decorrer da telenovela

(MARQUES, 2008; MARCONDES FILHO, 1994; OGURI; CHAUVEL; SUAREZ, 2009; BORELLI, 2001).

Como observado, a produção e a exibição das telenovelas visam à aceitação por um grande número de indivíduos, de diferentes culturas, sexo, nível socioeconômico e faixa etária, de acordo com a censura. Mesmo assim, o público adolescente foi o alvo principal de uma telenovela denominada Malhação exibida desde o início da década de 1990 até a atualidade. Caracterizada por apresentar uma sequência de episódios sem um fim programado, seus atores são adolescentes e, por isso, facilitam a identificação pessoal do telespectador dessa mesma faixa etária com a atuação deles no tocante a acontecimentos de diversas naturezas, inclusive namoro e relacionamento sexual (FAVERO; ABRÃO, 2006). Além disso, os adolescentes assistem à Malhação por essa tematizar a juventude brasileira, abordar temas inerentes ao amor, à traição, aos conflitos de geração, aos segredos do sexo e atuar na educação desses indivíduos (FISCHER, 2005).

Assim a Malhação e as outras telenovelas, que são uma das produções da TV mais assistidas pelos adolescentes, prendem sua atenção ao apresentar o conteúdo temático extraído da vida cotidiana; ao possuir uma ordem cronológica de eventos que move a ação para a solução satisfatória dos problemas exigidos pelo tema; ao representar a lógica cultural, a qual faz dos atores, eventos e situações símbolos das tensões e questionamentos das audiências; e ao aplicar fórmulas míticas que dão significados universais ao mistério da existência humana (FISCHER, 2007; ANDRADE, 2003).

Atualmente, a exibição das cenas apresentadas nas telenovelas é influenciada pela opinião dos seus telespectadores por meio da Central de Atendimento ao Telespectador (CAT), das pesquisas de audiência empreendidas pelo IBOPE e das discussões de grupo, no intuito de identificar o nível de satisfação do público em assistir aos capítulos de uma determinada telenovela e sinalizar à emissora e aos autores os problemas e dificuldades na aceitação dessa pelos telespectadores. Assim, esse produto da TV pode sofrer ajustes ou terminar antes do tempo previsto se o telespectador não estiver satisfeito. Da mesma forma, outra pode se manter ou ser prolongada caso o público demonstre interesse por assistir cada cena e capítulo continuamente (OGURI; CHAUVEL; SUAREZ, 2009).

Em consonância com a atuação da telenovela, emergem dois tipos de telespectadores: um que aceita as ações e comportamentos dos personagens da

trama ficcional como modelos verossímeis de conduta, e outro que atenta criticamente para os erros históricos e geográficos do enredo, para as falhas tanto do cenário como do desempenho dos atores e para o fato de a trama elaborada pelo autor não corresponder às suas expectativas, mantendo-se distante da identificação pessoal com a situação vivenciada pelos atores desse produto da TV (ANDRADE, 2003).

A partir desse ponto, o adolescente é visto como aquele telespectador que traduz a mensagem transmitida pela telenovela como um modelo de conduta a ser seguido. Nesse caso, sobressai a necessidade dos profissionais de saúde, da escola, da família e da sociedade discutir com esse indivíduo cada mensagem veiculada e ressaltar que a telenovela apesar de veicular fatos do cotidiano é uma ficção e deve ser assistida mantendo-se distância da trama exposta, refletindo sobre o exibido e emitindo julgamento crítico (NONOYAMA et al., 2005)

Mesmo assim, a telenovela se destaca por retratar temas da vida cotidiana e do viver diário, nos quais as cenas apresentam situações antagônicas, pois enquanto uns personagens riem, outros choram; enquanto uns se indignam, outros manifestam sentimento de piedade em face das situações vivenciadas pelos outros integrantes da trama (MARCONDES FILHO, 1994; ANDRADE, 2003).

Em função disso, os telespectadores e, certamente, os adolescentes são instigados a assistirem aos capítulos da telenovela, a dialogarem sobre os assuntos retratados e as cenas exibidas com sua família, vizinhos, amigos e companheiros de escola e trabalho. Ante tais cenas, os indivíduos se alegram e sofrem juntamente com os personagens, pois, de certa forma, aquela circunstância já foi ou está sendo vivenciada pelo telespectador ou por alguém do seu círculo de amizades, que busca no desfecho das cenas a solução também dos seus problemas e das dificuldades enfrentadas pelo seu conhecido (ANDRADE, 2003).

Desse modo, a telenovela tem também a função de ensinar e educar a população e, em especial, o adolescente sobre temas diversificados como reação diante de assaltos, drogas, violência, amor, homossexualismo, deficiência visual e física, preconceito racial, sexual e socioeconômico, doação de sangue, sexo na adolescência e HIV. Ao mesmo tempo, promove campanhas de incentivo ao uso do preservativo masculino que favorecem a redução do comportamento sexual desprotegido e o aumento da negociação sexual entre parceiros mediante uso de

métodos preventivos à infecção pelo vírus HIV (MARQUES, 2008; BERTRAND; ANHANG, 2006).

Em virtude disso, a telenovela goza de intensa popularidade entre os adolescentes ao transmitir inúmeras atitudes e valores sociais, assim como ao oferecer entretenimento, ensinamentos, conhecimentos e mensagens sobre a sociedade e o seu padrão de comportamento. Associado a esses fatos, as cenas exibidas e os comportamentos encenados pelos atores são referenciais para as ações dessas pessoas e para o modo como interpretam o mundo circundante (ANDRADE, 2003).

Pode-se afirmar: a telenovela é um produto midiático familiar que apreende a atenção do telespectador pelos temas diversificados, de algum modo regular, sistemático, viciados por representarem os mesmos modelos e padrões. No entanto, um ponto negativo desse programa da TV é a constituição de diálogos curtos e superficiais entre seus personagens (MARQUES, 2008; MARCONDES FILHO, 1994), os quais dificultam a discussão de temáticas polêmicas como as consequências do sexo desprotegido entre os adolescentes. Além disso, a telenovela retrata modelos de ação e comportamento sexual, nem sempre interpretados de maneira crítica e reflexiva pelos adolescentes, mas somente assimilados e praticados, pois, para muitos adolescentes, o que é veiculado é interpretado como verdade absoluta e como comportamento socialmente aceitável.

Ademais, conforme mencionado, a telenovela é um produto moldado pelas pesquisas de audiência (MOTA, 2004), as quais determinam os comportamentos dos personagens e as cenas a serem exibidas, sem, contudo, preocupar-se exageradamente se a nudez mostrada em excesso e se as cenas de sexo exageradamente exibidas, que incentivam o aumento da audiência, estão influenciando o comportamento sexual de adolescentes. Lembre-se, porém: estes são seres em processo de amadurecimento psicológico, social e sexual e assistem a essas produções, muitas vezes, sem uma concepção madura sobre o modo de agir diante do desejo de experimentar o sexo, conduzindo-o, a partir da influência da telenovela, possivelmente, a praticarem o sexo de maneira precoce e sem o cuidado necessário com a sua saúde.

Dessa forma, a telenovela pode sugerir a iniciação sexual precoce dos adolescentes com várias parceiras e sem o uso de métodos preventivos, tornando-os vulneráveis à infecção pelo vírus HIV. Isto porque os capítulos exibidos

apresentam namoro entre adolescentes, cenas de sexo exageradas, personagens ousados, nudez em excesso, sem, contudo, mostrar a vulnerabilidade às doenças, tais como: a infecção pelo HIV decorrente da relação sexual desprevenida. E, ainda: o comportamento sexual dos seus atores pode ser alvo de imitação pelos adolescentes, ávidos por novas descobertas, experiências diferentes e a vivência de novidades (EGGERMONT, 2005; MARTINO et al., 2009; MARQUES, 2008; PENTEADO, 2009; COLLINS et al., 2004; MIGUEL; TONELI, 2007; ESCOBAR-CHAVES et al., 2005).

Portanto, o adolescente pode se tornar vulnerável à infecção pelo vírus HIV ao assistir às telenovelas, mediante a articulação dos eixos individual, social e pragmático, quando ele não dispõe de acesso a informações e conhecimentos adequados e completos sobre as medidas de controle e de prevenção do HIV provenientes da telenovela, não possui a capacidade de interpretação crítica e reflexiva das cenas exibidas por essa produção e pratica o sexo de acordo com os personagens das telenovelas. Além disso, o adolescente pode estar vulnerável a esse patógeno quando não têm o poder de exigir que informações de qualidade e na quantidade adequada acerca da infecção pelo vírus HIV sejam veiculadas pelas telenovelas que são formadoras de opinião e modelos de comportamento sexual. Esse indivíduo pode também estar mais vulnerável à infecção pelo vírus HIV se as políticas públicas não adotarem uma conduta enérgica para reduzir a veiculação de cenas com elevado número de conteúdos pornográficos e de estímulo à prática sexual precoce pelos adolescentes e para exigir a promoção de discussões entre os personagens da telenovela sobre a tomada de medidas preventivas para a infecção pelo HIV no momento da prática sexual.

Diante da vulnerabilidade dos adolescentes à infecção pelo vírus HIV ao assistir frequentemente a telenovelas, lança-se o desafio à família, à escola e ao enfermeiro para capacitar estes indivíduos a interpretar criticamente as mensagens veiculadas pela televisão, para não assimilá-las como verdade absoluta e nem adotá-las como modelo de comportamento. Com essa atitude, provavelmente, os adolescentes poderão estar menos susceptíveis à profunda influência da telenovela sobre seu comportamento sexual e, portanto, menos vulneráveis à infecção pelo vírus HIV (VITRAL, 2008; COLLINS et al., 2004).

Para complementar essa ação, exige-se da família o controle sobre quais telenovelas podem ser assistidas pelos seus filhos adolescentes. Esta é uma forma

de impor limites e reduzir a vulnerabilidade do adolescente à infecção pelo HIV em decorrência da iniciação sexual precoce, com muitos parceiros e sem a utilização de preservativo masculino. Mais uma vez enfatiza-se: esta prática pode ser estimulada pelo hábito de assistir às telenovelas, sem emitir julgamento crítico acerca do comportamento adotado pelos personagens (MARTINO et al., 2009).

Paralelamente à atuação da família, os educadores escolares devem trabalhar a educação sexual dos adolescentes mediante estabelecimento de relações entre o exibido nas telenovelas e o comportamento sexual preconizado. Nesse caso, o objetivo é favorecer uma interpretação crítica do modo como os personagens agiram ao praticarem o sexo e de estimular a discussão entre os discentes quanto à forma de como deveria ser o relacionamento sexual com vistas a reduzir a vulnerabilidade dos personagens à infecção pelo vírus HIV. Parte-se, então, do pressuposto segundo o qual muitos dos conhecimentos expostos sobre a infecção pelo HIV e o comportamento sexual adotado advêm do hábito dos adolescentes em passar mais tempo assistindo TV do que estudando em casa ou na escola com os outros alunos e professores (FISCHER, 2007; REIS JUNIOR, 2005).

Além da atuação desses setores sociais, cabe ao enfermeiro discutir com os adolescentes sobre sua opinião no tocante às cenas exibidas e ao comportamento sexual dos personagens da telenovela. Desse modo, é possível desmistificar a crença de que o conteúdo veiculado por essas produções são modelos de conduta a serem adotados, dialogar sobre as consequências advindas da prática sexual desprotegida e conversar sobre os fatores sociais, culturais e afetivos que estão estimulando o desejo para o início da atividade sexual e para o não uso de métodos preventivos, com a finalidade de reduzir a influência da telenovela no comportamento sexual dos adolescentes e a vulnerabilidade desses indivíduos à infecção pelo vírus HIV.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

Trata-se de um estudo quantitativo, com caráter descritivo, do tipo caso-controle, que fornece uma estimativa da magnitude da associação entre a variável preditora e a presença ou ausência do desfecho (HULLEY et al., 2008).

Assim, por meio do estudo caso-controle foi possível descrever o nível de influência da telenovela sobre o comportamento sexual do adolescente e a vulnerabilidade deste à infecção pelo HIV. Esta influência foi analisada pela comparação do comportamento sexual dos indivíduos dos grupos caso e controle, quanto ao uso do preservativo nas relações sexuais (variável desfecho), mediante o estímulo pelo hábito de assistir à telenovela (variável preditora).

Adotou-se o estudo quantitativo por favorecer a comparação entre o grupo-caso, constituído por adolescentes que usam o preservativo em todas as relações sexuais, e o grupo-controle, composto pelos adolescentes que não utilizam o preservativo masculino constantemente diante da influência da telenovela neste comportamento sexual. Assim, serão desenvolvidas informações imparciais, precisas e interpretáveis e identificados resultados replicáveis (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004) mediante a aplicação de um questionário com os adolescentes dos dois grupos em seu ambiente escolar.

Como afirma Gil (2006), a pesquisa descritiva consiste na descrição das características de determinada população ou fenômeno e no estabelecimento de relações entre as variáveis, e apresenta os seguintes objetivos: estudar aspectos como idade, escolaridade, renda de pessoas, verificar atitudes e opiniões apresentadas por um grupo de indivíduos em relação a um assunto específico e averiguar a existência de associações entre as variáveis.

O delineamento de pesquisa caso-controle foi escolhido por ser quantitativo e consiste na seleção de integrantes para os grupos dos caso e controle, os quais foram representativos e equivalentes quanto ao número de constituintes e faixa etária, pois foi aplicado o método de pareamento.

O método de pareamento é um tipo de amostragem de controles que garante a comparação do grupo-controle com o grupo-caso no tocante a variáveis importantes (HULLEY et al., 2008), relacionadas ao hábito de assistir a telenovelas, ao comportamento sexual de adolescentes e à sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV. Dessa forma, os controles foram escolhidos para constituírem pares com os casos em relação à variável faixa etária.

4.2 Local e Período do Estudo

A cidade de Fortaleza é dividida em seis regionais compostas por 177 escolas do ensino médio, onde a primeira apresenta 29 escolas, a segunda, 25, a terceira, 28, a quarta, 27, a quinta, trinta e a sexta, 38 escolas. No total são 78.666 alunos matriculados, segundo informativo da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (CEARÁ, 2009).

Os locais escolhidos para a pesquisa foram sete escolas do ensino médio da rede pública e estadual de Fortaleza-CE, selecionadas mediante processo de amostragem por conglomerado, que é um processo de “amostragem aleatória de agrupamentos naturais de indivíduos na população” (HULLEY et al., 2008. p. 51). Fez-se, então, um sorteio para selecionar representativamente uma escola pertencente a cada uma das seis regionais que constituem a divisão administrativa da cidade de Fortaleza.

Aplicou-se também o processo de amostragem por conveniência, que consiste na seleção de “indivíduos que atendem aos critérios de inclusão e que são de fácil acesso ao investigador” (HULLEY et al., 2008, p. 50), porquanto permitiu a escolha de duas escolas pertencentes à Secretaria Executiva Regional III (SER III) frequentadas por adolescentes que participam das atividades educativas promovidas pelos alunos da Universidade Federal do Ceará, os quais estão implementando a proposta de atividade educativa implementada pelo projeto “Desmistificando crenças e valores de adolescentes do sexo masculino em favor da prevenção de DST/AIDS”, FUNCAP/CNPq/PPP, processo: 0006-00/2006, coordenado pela orientadora do estudo.

Cabe à Secretaria da Educação do Estado do Ceará responder pelo controle e supervisão da educação propiciada pelas escolas do ensino médio da cidade de Fortaleza. Como evidenciado em visita prévia da pesquisadora, as

escolas são dirigidas tecnicamente por um diretor e um coordenador. São espaçosas, algumas, arborizadas, possuem quadras de esportes destinadas à prática de atividades da educação física, laboratórios de informática e salas de aula ventiladas de maneira natural e artificial. Compete ao educador a missão de garantir a educação com equidade e foco no êxito do aluno (CEARÁ, 2009).

Ressalta-se que o sorteio das escolas, alvo do estudo, ocorreu após a inserção do nome das escolas pertencentes a cada uma das regionais em papéis que foram dobrados uniformemente. Dessa forma, a denominação dos colégios ficava invisível e dificultava identificá-los.

O estudo, com todas as suas etapas de elaboração, iniciou-se no mês de março de 2009 e a coleta de dados realizou-se no período de agosto a novembro de 2010.

4.3 População e amostra da pesquisa

Como mencionado, a população do estudo compôs-se de adolescentes do sexo masculino. Conforme definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Secretaria de Saúde do Estado do Ceará (SESA-CE), a adolescência compreende a faixa etária de 10 a 19 anos (WHO, 2009; CEARÁ, 2002). Eles estavam matriculados regularmente no ensino médio da escola pública da cidade de Fortaleza, e concordaram em participar do estudo espontaneamente.

Selecionou-se a amostra da pesquisa por meio da aplicação de critérios de inclusão e exclusão. Assim, os componentes dos grupos caso e controle foram escolhidos por serem representativos da população de adolescentes escolares e para possibilitar a aplicação do método de pareamento. Portanto, os dois grupos foram constituídos por adolescentes integrantes da faixa etária equivalente (GIL, 2006).

A seleção da amostra do grupo-caso foi norteada pelos seguintes critérios de inclusão:

- Adolescente incluso na faixa etária de 10 a 19 anos de idade;
- Adolescente matriculado em uma das escolas de ensino médio alvo do estudo;
- Referência do uso do preservativo masculino em todas as relações sexuais.

Os critérios de exclusão para a escolha dos adolescentes do grupo-caso foram:

- Ser identificado pela diretoria da escola como portador de déficit mental e/ou cognitivo e que, por isso, apresente dificuldades para responder os questionários de maneira coerente.

Quanto aos critérios de inclusão que determinaram os adolescentes do grupo-controle foram:

- Adolescente incluso na faixa etária de 10 a 19 anos de idade;
- Adolescente matriculado em uma das escolas de ensino médio alvo do estudo;
- Referência do não uso do preservativo masculino em pelo menos uma das suas relações sexuais;
- Ser adolescente da faixa etária equivalente à dos constituintes do grupo-caso;

Já o critério de exclusão da amostra do grupo-controle foi:

- Ser identificado pela diretoria da escola como portador de déficit mental e/ou cognitivo e que, por isso, apresente dificuldades para responder os questionários de maneira coerente.

Dessa forma, o tamanho amostral foi estimado com base numa fórmula desenvolvida para estudo de comparação de proporções. Como parâmetros para cálculo do tamanho amostral estabeleceram-se: coeficiente de confiança de 95%, um poder de teste de 80%, proporção de indivíduos com o desfecho no grupo-caso de 60% conforme estudo de Martins et al. (2006), e uma diferença de proporção considerada clinicamente relevante de 25%. Assim, o tamanho amostral ficou em 61 indivíduos em cada grupo. No estudo, entretanto, foram avaliados 67 em cada grupo.

A seguir, a fórmula utilizada para a determinação do tamanho amostral, em que $Z\alpha$ = coeficiente de confiança, $Z\beta$ = poder de teste, P = prevalência do fenômeno no grupo-caso, d = diferença de proporção clinicamente relevante entre os grupos caso e controle:

$$n = \frac{(Z\alpha + Z\beta)^2 \cdot 2 \cdot P \cdot (1 - P)}{d^2}$$

d^2

4.4 Recursos para coleta de dados

A coleta de dados da pesquisa foi realizada em dois momentos ocorridos em dias diferentes. No primeiro momento, aplicou-se um questionário de autoaplicação (Apêndice A), no intuito de identificar os adolescentes constituintes dos grupos caso e controle e de garantir a aplicação do método do pareamento, no instante em que permitiu determinar a faixa etária. No segundo momento, aplicou-se outro questionário de autoaplicação (Apêndice B) composto de questões fechadas e abertas, gerais e específicas com vistas a apreender a influência da telenovela no comportamento sexual do adolescente diante da sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV.

Como explicitado por Vieira (2009), o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por questões a serem respondidas pelos participantes da pesquisa para, em seguida, ser entregue ao pesquisador para a tabulação e análise dos dados encontrados, por meio de recursos estatísticos. É composto por perguntas que investiguem características demográficas, fatos, opiniões, atitudes, preferências, grau de satisfação, valores, razões, motivos, esperanças, crenças e outros pontos.

Ainda conforme Vieira (2009), o questionário de autoaplicação consiste no seu preenchimento pelo participante da pesquisa sem interferência do pesquisador. Pode ser formado por questões fechadas, em que são oferecidas alternativas de respostas ao sujeito da pesquisa, e questões abertas, as quais não apresentam sugestões de respostas aos participantes da pesquisa. As perguntas podem ser gerais, quando não há a determinação de condições específicas, e específicas, por especificarem pontos a serem considerados na resolução dos questionamentos.

Para a aplicação dos questionários, contou-se com a participação de uma aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará e participante do projeto de pesquisa da orientadora do estudo em discussão, com a finalidade de auxiliar na realização da pesquisa. Esta aluna foi orientada quanto aos passos para a coleta de dados, expostos a seguir:

1º- Buscar adolescentes do sexo masculino inclusos no grupo-caso e grupo-controle mediante a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão;

2º- Os adolescentes constituintes do grupo-caso são aqueles que usam o preservativo masculino em todas as relações sexuais e não apresentam deficiência mental e cognitiva;

3º- Os adolescentes integrantes do grupo-controle são aqueles que não usam o preservativo masculino em pelo menos uma relação sexual e não apresentam déficit cognitivo e mental;

4º- Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, o pesquisador deve ser capaz de escolher um integrante do grupo-caso e um componente do grupo-controle de forma pareada quanto à faixa etária;

5º - O pesquisador deve escolher adolescentes que assistem a pelo menos uma telenovela de qualquer emissora e os que não assistem a nenhuma telenovela para comporem o grupo-caso e também o grupo-controle, com vistas a comparar o uso do preservativo masculino entre os que não assistem e os que assistem à telenovela;

6º- Após a seleção dos adolescentes constituintes dos grupos caso e controle, checar se o respectivo responsável autorizou sua participação na pesquisa por meio do preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido e distribuir os questionários.

7º- Explicar a sequência e ordem de apresentação das questões do questionário;

8º- Mostrar que o questionário está dividido em sessões, pois primeiramente são colhidos os dados gerais de identificação, em seguida, as informações sociodemográficas e, por último, a relação entre o comportamento sexual e o hábito de assistir a telenovelas;

9º- Explicar que, na primeira sessão, as questões devem ser respondidas conforme o solicitado; na segunda sessão, há questões abertas como a referente à série de estudo. No entanto, a maioria das questões deve ser respondida mediante marcação de uma única resposta, com exceção de uma, a qual pode ser respondida pela marcação de mais de uma resposta por se referir às pessoas residentes no mesmo domicílio do participante da pesquisa; na terceira sessão, as questões fechadas devem ser respondidas por meio da marcação de uma única resposta e enquanto as abertas devem ser respondidas conforme o conhecimento deles e da sua vivência em relação ao seu hábito de assistir a telenovelas e ao seu comportamento sexual.

4.5 Análise dos dados

Para a análise dos dados utilizou-se o software SPSS versão 16.0 e aplicou-se o Teste do Qui-quadrado para diferença de proporção ou o Teste Exato de Fischer, na ocorrência de frequências esperadas inferiores a cinco. Além disso, foi processada a análise bivariada dos resultados, que consiste na descrição do grau e da magnitude das relações entre duas variáveis (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004), obtidos mediante apresentação de tabelas, as quais foram complementadas adequadamente com o uso da literatura pertinente ao assunto para confrontar ou concordar com os dados encontrados a partir da coleta dos dados da pesquisa.

4.6 Aspectos éticos

Primeiramente, o projeto de pesquisa foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (UFC), o qual emitiu parecer favorável (Anexo A), de acordo com o protocolo nº 71/10. Após a emissão do parecer favorável e autorização pela diretoria das escolas alvo do estudo, iniciou-se a coleta de dados.

Antes da aplicação do questionário a todos os integrantes do estudo, explicou-se o objetivo do trabalho e garantiu-se o sigilo e anonimato no intuito de preservar-lhes a identidade e privacidade, consoante o preconizado pela Resolução 196/96 sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras referentes a pesquisas com seres humanos (BRASIL, 1996). Esta se originou do plenário do Conselho Nacional de Saúde, que no uso das suas atribuições conferidas pelas leis nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e nº 8.142, de dezembro de 1990, decidiu aprovar, via Resolução nº 196, de 10/10/1996, normas e diretrizes que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 1996; SEVERINO, 2000).

Outro aspecto importante e imprescindível à aplicação do questionário foi a solicitação da assinatura aos participantes e a seus respectivos responsáveis do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), para participação na pesquisa, o que ocorreu durante o intervalo das aulas na escola e de reuniões entre pais e mestres.

Com isso, cumpriram-se os princípios éticos inerentes à realização de pesquisas envolvendo os seres humanos, quais sejam: o respeito à pessoa por intermédio da obtenção do consentimento informado e manutenção da confidencialidade dos dados obtidos, o princípio da beneficência mediante a fundamentação científica da pesquisa e o princípio da justiça por meio da distribuição justa e equitativa dos benefícios e ônus do estudo científico (HULLEY et al., 2008).

5 RESULTADOS

Como se evidencia, o estudo possibilitou apreender dados comparativos de semelhança ou de diferença significativa estatisticamente acerca dos 67 adolescentes do sexo masculino do grupo-caso e aos outros 67 adolescentes do mesmo sexo do grupo-controle concernentes aos aspectos demográficos e socioeconômicos, ao estilo de relacionamento afetivo e sexual, ao hábito de assistir a telenovelas de diversas emissoras de televisão e a equivalência entre assistir telenovelas e o comportamento sexual do adolescente.

Inicialmente, por meio da Tabela 1, apresentam-se os resultados no tocante à situação demográfica e socioeconômica individual e familiar dos adolescentes e do meio sociocultural onde estão inseridos. Os dados obtidos sinalizam a ausência de associação significativa estatisticamente entre os grupos caso e controle, ($p > 0,05$), o que denota a semelhança quanto aos aspectos abordados na tabela em discussão entre os adolescentes do sexo masculino de ambos os grupos. Ressalta-se apenas uma possibilidade de diferença significativa estatisticamente entre os grupos caso e controle quanto ao número de pessoas que trabalhavam e residiam com o adolescente ($p = 0,061$).

Tabela 1 - Caracterização demográfica e socioeconômica dos adolescentes. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Caso	Controle	p-valor		
1. Série do Ensino Médio					
1ºano	24	20	0,733 ^I		
2ºano	34	36			
3ºano	9	11			
2. Situação conjugal					
Solteiro	66	66	1,000 ^I		
Casado	1	0			
Situação estável	0	1			
3. Tipo de moradia					
Casa	64	61	0,215 ^I		
Apartamento	2	6			
4. Tipo de vinculação ao imóvel					
Próprio	54	51	0,529 ^I		
Alugado	13	16			
5. Situação trabalhista					
Trabalha	21	22	0,853 ^I		
Não trabalha	46	45			
6. Renda familiar					
Menos de 3 salários	14	16	0,816 ^I		
Mais de 3 salários	3	8			
7. Número de pessoas que exercem atividade laboral e residem com o adolescente					
Nenhuma	4	3			
Uma	16	11	0,061 ^{II}		
Duas	29	24			
Três	12	17			
Mais de três	4	8			
Variáveis	Média (DP)	P25	P50	P75	p-valor
8. Idade	16,79 (1,245)	16	17	18	0,792 ^{II}
9. Número de cômodos na residência	6,38 (2,187)	5	6	7,25	0,852 ^{II}
10. Número de pessoas que residem com o adolescente	4,29 (2,563)	3	4	5	0,447 ^{II}
11. Número de pessoas que exercem atividade laboral e residem com o adolescente	2,12 (1,25)	1	2	3	0,061 ^{II}

DP = desvio padrão; I = Foi realizado o Teste do Qui-quadrado de diferença de proporções; II = Foi realizado o Teste de Mann-Whitney.

De acordo com esta tabela, a maioria dos adolescentes dos grupos caso e controle tinham uma média de idade de 16,79 anos (DP=1,245), eram solteiros,

estavam cursando o 2º ano do ensino médio, não trabalhavam, possuíam renda familiar de menos de três salários mínimos e residiam em casa própria constituída em média por 6,38 cômodos (DP=2,187) e com cerca de 4,29 pessoas (DP=2,563), e apenas 2,12 pessoas (DP=1,25), em média, exerciam alguma atividade laboral e contribuía com a renda familiar.

Por meio desta tabela foi possível constatar uma provável diferença significativa estatisticamente ($p = 0,061$) no que concerne ao número de pessoas que exerciam atividade laboral e residiam com o adolescente, pois os adolescentes do grupo-caso moravam, em sua maioria (49), com até duas pessoas que exerciam atividade laboral, enquanto que a maior parte dos constituintes do grupo-controle (49) moravam com duas e mais de duas pessoas que exerciam atividade laboral.

A seguir, na Tabela 2, consta a relação das pessoas que residem com o adolescente conforme o grau de parentesco.

Tabela 2 - Pessoas que residem com os adolescentes de acordo com o grau de parentesco. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Caso	Controle	p-valor
1. Pai			
Sim	39	37	0,727 ^I
Não	28	30	
2. Mãe			
Sim	56	59	0,458 ^I
Não	11	08	
3. Irmãos			
Sim	46	45	0,853 ^I
Não	21	22	
4. Tios			
Sim	12	11	0,604 ^I
Não	55	56	
5. Primos			
Sim	11	15	0,382 ^I
Não	56	52	
6. Avós			
Sim	14	11	0,506 ^I
Não	53	56	
7. Namorada(o)			
Sim	1	1	0,752 ^{II}
Não	66	66	
8. Amigos(as)			
Sim	3	0	0,122 ^{II}
Não	64	67	
9. Sobrinho(a)			
Sim	2	0	0,248 ^{II}
Não	65	67	
10. Padrasto/Madrasta			
Sim	0	2	0,248 ^{II}
Não	67	65	

I = Foi realizado o Teste do Qui-quadrado de diferença de proporções; II = Foi realizado o Teste de Fischer.

Pela Tabela 2, detectou-se a semelhança estatística entre os grupos caso e controle, no tocante ao grau de parentesco entre os adolescentes e às pessoas que residiam com eles ($p > 0,05$). Além disso, segundo verificou-se, em ambos os grupos, os adolescentes moravam, em sua maioria, com o pai, a mãe e os irmãos, cujos valores p foram, respectivamente, 0,727, 0,458, 0,853. Como averiguado também, uma minoria de adolescentes dos grupos caso e controle de modo semelhante, estatisticamente, moravam com tios ($p = 0,604$), primos ($p = 0,382$), avós ($p = 0,506$), sobrinhos ($p = 0,248$) e padrasto ou madrasta ($p = 0,248$). Além disso, verificou-se que poucos adolescentes, de ambos os grupos, de maneira

similar, moravam com outras pessoas não pertencentes à sua família, como amigos ou amigas ($p = 0,122$) e namorada ($p = 0,752$).

Expõe-se a seguir, na Tabela 3, a caracterização dos relacionamentos afetivos dos adolescentes.

Tabela 3 - Caracterização dos relacionamentos afetivos dos adolescentes. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Caso	Controle	p-valor
1. Tipo de relacionamento atual			
Sem relacionamento	18	15	0,651 ^I
Namoro	22	27	
“Fica”	27	25	
2. Tipo de relacionamento com a primeira parceira sexual			
Nenhum	6	8	0,102 ^I
“Fica”	41	28	
Namoro	19	30	
Amizade	1	0	
3. Tipo de relacionamento com a(s) parceira(s) sexual(is) atual(is)			
Não tem relacionamento sexual no momento	40	28	0,063 ^I
“Fica”	03	11	
Namoro	20	26	
Nenhum e namoro em caso de mais de 1 parceiro sexual	2	0	
Relacionamento sexual mediante pagamento	1	1	
Outro tipo de relacionamento	0	1	

I = Foi realizado o Teste do Qui-quadrado de diferença de proporções.

Nesta tabela, identificou-se de maneira semelhante, estatisticamente ($p = 0,651$), que um maior número de adolescentes do grupo-caso apresenta como relacionamento afetivo atual o “fica”, enquanto uma maior quantidade de adolescentes do grupo-controle estão namorando.

Também na mesma tabela, verificou-se semelhança estatística entre o tipo de relacionamento afetivo com a primeira parceira sexual dos integrantes dos grupos caso e controle no momento da realização da pesquisa ($p = 0,102$), em virtude de a maior parte dos adolescentes do grupo-caso (41) apresentarem como relacionamento afetivo com a primeira parceira sexual o “fica”, enquanto os adolescentes do grupo-controle tiveram, em sua maioria, dois tipos de relacionamento afetivo com a primeira parceira sexual, qual seja, o namoro (30) e o “fica” (28).

Ainda em referência à Tabela 3, detectou-se um indicativo de diferença de proporção quanto ao tipo de relacionamento afetivo com a parceira sexual atual ($p = 0,063$), pois enquanto quarenta adolescentes do grupo-caso não mantinham parceira sexual no momento apenas 28 do grupo-controle também não o mantinham; em virtude de três adolescentes do grupo-caso não mencionarem nenhum relacionamento afetivo com a parceira sexual em comparação a onze adolescentes do grupo-controle inclusos na mesma situação; em decorrência também de vinte adolescentes do grupo-caso namorarem a parceira sexual em relação a 26 adolescentes do grupo-controle terem o mesmo relacionamento afetivo.

Na Tabela 4, constam faixa etária de início da vida sexual e número de parceiras sexuais.

Tabela 4 - Faixa etária de início da vida sexual e número de parceiras sexuais. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Média (+/-DP)	P25	P50	P75	p-valor
1.Idade de início da vida sexual	14,44 (+/-1,713)	13	15	15	0,847 ^I
2.Quantidade de parceiras sexuais	0.72 (+/- 1,040)	0	0	1	0,025 ^I

Variável	Caso	Controle	p-valor
1.Quantidade de parceiras sexuais			
Nenhuma	40	28	0,025 ^I
Uma	21	29	
Duas	2	4	
Mais de duas	3	6	

I = Foi realizado o Teste de Mann-Whitney.

Como revelou a Tabela 4, ambos os grupos apresentaram proporções semelhantes quanto ao tempo médio de início da vida sexual (14,44 anos, $p = 0,847$). Entretanto, em relação à quantidade de parceiras sexuais, houve diferença estatisticamente significativa entre os constituintes dos grupos caso e controle ($p = 0,025$), pois os do grupo-controle se engajaram em mais relacionamentos sexuais e com um maior número de parceiras do que os do grupo-caso.

Esses resultados possibilitaram afirmar que os adolescentes do grupo-controle tiveram mais relacionamentos sexuais, pois 29 pessoas deste grupo possuíam uma parceira sexual comparativamente a 21 do grupo-caso com a mesma quantidade de parceiras sexuais. Também como foi possível detectar que os

adolescentes do grupo-controle referiram mais parceiras sexuais do que os do grupo-caso. Foram dez adolescentes do grupo-controle com mais de uma parceira sexual para cinco do grupo-caso.

Sobre os motivos que impulsionaram os adolescentes a se relacionarem sexualmente pela primeira vez, veja-se a Tabela 5.

Tabela 5 - Motivos que impulsionaram os adolescentes a se relacionarem sexualmente pela primeira vez. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Caso	Controle	p-valor
1. Curiosidade			
Sim	10	20	0,038 ^I
Não	57	47	
2. Atração			
Sim	40	28	0,038 ^I
Não	27	39	
3. Paixão			
Sim	12	7	0,216 ^I
Não	55	60	
4. Amor			
Sim	13	12	0,825 ^I
Não	54	55	
5. Pressão da(o) parceira(o)			
Sim	2	3	0,500 ^{II}
Não	65	64	
6. Pressão dos amigos			
Sim	1	3	0,310 ^{II}
Não	66	64	

I = Foi realizado o Teste do Qui-quadrado de diferença de proporções; II = Foi realizado o Teste de Fischer.

Esta tabela possibilitou averiguar a diferença significativa estatisticamente em referência aos motivos curiosidade ($p = 0,038$) e atração ($p = 0,038$) que impulsionaram os adolescentes ao relacionamento sexual pela primeira vez. Para um maior número de adolescentes (40) do grupo-caso, a atração os conduziu ao início da vida sexual, enquanto os do grupo-controle apontaram a curiosidade (20) e a atração (28) como motivos a levá-los à primeira relação sexual. Quanto a outros motivos (paixão, amor, pressão da parceira, pressão dos amigos), verificou-se semelhança entre os grupos.

Sobre o hábito dos adolescentes de assistir à telenovela das emissoras de televisão e número de telenovelas vistas por dia, confira-se a Tabela 6.

Tabela 6 - Hábito de assistir à telenovela das emissoras de televisão pelos adolescentes e número de telenovelas assistidas por dia. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Caso	Controle	p-valor		
1. Hábito de assistir à telenovela					
Sim	34	43	0,116 ^I		
Não	33	24			
2. Emissora de televisão					
Rede Globo					
Sim	27	38	0,057 ^I		
Não	40	29			
Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)					
Sim	4	3	0,500 ^{II}		
Não	63	64			
Rede Record					
Sim	10	9	0,804 ^I		
Não	57	58			
Variável	Média (+/- DP)	P25	P50	P75	p-valor
3. Número de telenovelas assistidas por dia	0,94 (+/- 1,061)	0,00	1,00	2,00	0,161 ^{III}

I = Foi realizado o Teste do Qui-quadrado de diferença de proporções; II = Foi realizado o Teste de Fischer; III = Foi realizado o Teste de Mann-Whitney.

Por meio desta tabela, foi possível detectar que os adolescentes do grupo-controle (43) assistiam a mais telenovelas do que os do ao grupo-caso (34), mas sem verificação de diferença significativa estatisticamente ($p = 0,116$). Em associação a isso, segundo identificou-se, em relação às outras emissoras de televisão, os adolescentes de ambos os grupos assistiam mais às telenovelas exibidas pela Rede Globo e os do grupo-controle (38) ainda assistiam mais às telenovelas desta emissora do que os componentes do outro grupo (27), o que permitiu averiguar uma provável diferença significativa estatisticamente ($p = 0,057$).

Tabela 7 - Telenovelas assistidas pelos adolescentes. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Caso	Controle	p-valor
1. Malhação			
Sim	9	19	0,034 ^I
Não	58	48	
2. O Cravo e a Rosa			
Sim	0	1	0,500 ^{II}
Não	67	66	
3. Viver a Vida			
Sim	2	6	0,137 ^{II}
Não	65	61	
4. Araguaia			
Sim	1	1	0,752 ^{II}
Não	66	66	
5. Bela, a Feia			
Sim	4	4	0,641 ^{II}
Não	63	63	
6. Escrito nas Estrelas			
Sim	8	8	1,000 ^I
Não	59	59	
7. Sinhá Moça			
Sim	1	1	0,752 ^{II}
Não	66	66	
8. Ribeirão do Tempo			
Sim	7	4	0,345 ^I
Não	60	63	
9. Passione			
Sim	10	11	0,812 ^I
Não	57	56	
10. Os Mutantes			
Sim	2	2	0,690 ^{II}
Não	65	65	
11. Sete Pecados			
Sim	2	2	0,690 ^{II}
Não	65	65	
12. Ti Ti Ti			
Sim	2	1	0,500 ^{II}
Não	65	66	
13. Ana Raio e Zé Trovão			
Sim	0	1	0,500 ^{II}
Não	67	66	
14. Tempos Modernos			
Sim	1	1	0,752 ^{II}
Não	66	66	
15 Uma Rosa com Amor			
Sim	1	0	0,500 ^{II}
Não	66	67	

I = Foi realizado o Teste do Qui-quadrado de diferença de proporções; II = Foi realizado o Teste de Fischer

Esta tabela demonstrou a semelhança estatística entre os grupos caso e controle no referente a assistir às seguintes telenovelas exibidas pela Rede Globo: O Cravo e a Rosa ($p = 0,500$), Viver a Vida ($p = 0,137$), Araguaia ($p = 0,752$), Escrito nas Estrelas ($p = 1,000$), Sinhá Moça ($p = 0,752$), Passione ($p = 0,812$), Sete Pecados ($p = 0,690$), TiTiTi ($p = 0,500$) e Tempos Modernos ($p = 0,752$). Também revelou a semelhança estatística entre os grupos quanto a assistir às telenovelas citadas a seguir e apresentadas pela emissora Rede Record: Bela, a Feia ($p = 0,641$), Ribeirão do Tempo ($p = 0,345$) e Os Mutantes ($p = 0,690$). Ainda mostrou a semelhança estatística entre os grupos caso e controle quanto a assistir às seguintes telenovelas exibidas pelo SBT: Ana Raio e Zé Trovão ($p = 0,500$) e Uma Rosa com Amor ($p = 0,500$).

Destaca-se a Malhação como a telenovela assistida com frequência diferenciada estatisticamente e significativamente ($p = 0,034$) pelos adolescentes dos grupos caso e controle, pois esta telenovela era mais assistida pelos adolescentes do grupo-controle (19) do que pelos do grupo-caso (9).

Na Tabela 8, relacionam-se os motivos que atraem a atenção dos adolescentes ao ser exibida a telenovela.

Tabela 8 - Motivos que atraem a atenção dos adolescentes no momento da exibição das telenovelas. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Caso	Controle	p-valor
1. Os atores ou atrizes			
Sim	4	7	0,345 ^I
Não	63	60	
2. O cenário			
Sim	9	10	0,804 ^I
Não	58	57	
3. As brigas ou confusões			
Sim	9	12	0,476 ^I
Não	58	55	
4. As cenas de romance			
Sim	13	11	0,652 ^I
Não	54	56	
5. As cenas de comédia			
Sim	10	14	0,367 ^I
Não	57	53	
6. As cenas de sexo			
Sim	6	6	1,000 ^I
Não	61	61	
7. O enredo			
Sim	1	1	0,752 ^{II}
Não	66	66	
8. Apresentar o cotidiano de maneira similar ao da vida real			
Sim	0	1	0,500 ^{II}
Não	67	66	

I = Foi realizado o Teste do Qui-quadrado de diferença de proporções; II = Foi realizado o Teste de Fischer

Por esta tabela, conforme se apreende, os adolescentes de ambos os grupos apontaram, de maneira semelhante estatisticamente, como motivos que os atraíam a assistirem à telenovela os atores e atrizes ($p = 0,345$), o cenário ($p = 0,804$), as brigas ou confusões ($p = 0,476$), as cenas de romance ($p = 0,652$), as cenas de comédia ($p = 0,367$), as cenas de sexo ($p = 1,000$), o enredo ($p = 0,752$) e apresentar o cotidiano de maneira similar ao da vida real ($p = 0,500$).

Por fim, a Tabela 9 mostra a relação entre o ato de assistir a telenovelas e o comportamento sexual dos adolescentes.

Tabela 9 - Relação entre o ato de assistir a telenovelas e o comportamento sexual dos adolescentes. Fortaleza-CE, 2010.

Variáveis	Caso	Controle	p-valor
1. A telenovela influenciou sua decisão em ter a primeira relação sexual			
Sim	5	11	0,243 ^I
Não	29	32	
2. A telenovela estimula a se relacionar sexualmente			
Sim	11	12	0,463 ^I
Não	22	31	
3. A telenovela estimula a utilizar preservativo masculino			
Sim	19	24	0,995 ^I
Não	15	19	
4. A telenovela estimula a apresentar muitos parceiros sexuais			
Sim	13	21	0,352 ^I
Não	21	22	
5. A telenovela influencia seu comportamento sexual			
Sim	5	15	0,062 ^I
Não	27	28	
6. A telenovela veicula cenas de sexo entre adolescentes			
Sim	21	22	0,412 ^I
Não	13	20	
7. As cenas de sexo entre adolescentes influenciam seu comportamento sexual			
Sim	9	8	0,663 ^I
Não	12	14	
8. A telenovela ensina algo sobre prevenção da infecção pelo vírus HIV			
Sim	23	31	0,513 ^I
Não	10	12	

I = Foi realizado o Teste do Qui-quadrado de diferença de proporções

Esta tabela demonstrou a relação entre o ato de assistir à telenovela e o comportamento sexual dos adolescentes e, conseqüentemente, a influência da telenovela em algumas questões relacionadas ao comportamento sexual dos constituintes dos grupos caso e controle.

Assim como se identificou, a grande parte dos integrantes de ambos os grupos (29 do grupo-caso e 32 do grupo-controle), de modo semelhante estatisticamente ($p = 0,243$), apontaram que a telenovela não influenciou sua decisão em ter a primeira relação sexual.

Consecutivamente, boa parte dos constituintes dos grupos caso (22) e controle (31) referiram, com ausência de diferença significativa estatisticamente ($p = 0,463$), que a telenovela não os estimula a se relacionar sexualmente.

Em seguida, segundo se verificou, muitos adolescentes do grupo-caso (19) e do grupo-controle (24), de modo semelhante estatisticamente ($p = 0,995$), mencionaram que a telenovela incentiva o uso do preservativo masculino.

Também, consoante se apreendeu, para elevado número de componentes do grupo-caso (21) e do grupo-controle (22), sem ausência significativa estatisticamente ($p = 0,352$), a telenovela não estimula a ter muitos parceiros sexuais.

E, ainda, segundo adolescentes dos grupos caso (27) e controle (28), a telenovela não influencia seu comportamento sexual. No entanto, verificou-se uma possibilidade de diferença significativa estatisticamente ($p = 0,062$) no tocante à influência da telenovela no comportamento sexual dos adolescentes dos grupos caso e controle, pois um maior número de adolescentes (15) do grupo-controle em comparação à quantidade de meninos do grupo-caso (5) apontou que a telenovela influenciou seu comportamento sexual.

Após isso, identificou-se, conforme integrantes do grupo-caso (21) e do grupo-controle (22), que a telenovela veicula cenas de sexo entre adolescentes de modo semelhante estatisticamente ($p = 0,412$).

Ademais, de acordo com parte de constituintes dos grupos caso (12) e controle (14), as cenas de sexo entre os adolescentes exibidas pela telenovela não influenciaram seu comportamento sexual de modo que reflete a ausência de diferença significativa estatisticamente ($p = 0,663$).

Finalmente, como constatou-se, adolescentes dos grupos caso (23) e controle (31) mencionaram, semelhantemente ($p = 0,513$), que a telenovela ensina algo sobre prevenção da infecção pelo vírus HIV.

6 DISCUSSÃO

Conforme se identificou em ambos os grupos pesquisados, a maior parte dos adolescentes, cuja média de idade é de 16,79 anos, são solteiros, frequentam o 2º ano do ensino médio, residem em casa própria, com aproximadamente quatro familiares, sendo estes, principalmente, o pai, a mãe e os irmãos e têm uma renda familiar de menos de três salários mínimos, que é adquirida pela atividade laboral exercida pelos seus familiares, pois a maioria dos adolescentes não trabalham.

Ressalta-se: a semelhança entre esses dados socioeconômicos apresentados pelos adolescentes dos grupos caso e controle é importante para não interferir na avaliação da influência da telenovela no uso do preservativo masculino. Isto porque o nível socioeconômico é um fator passível de influenciar no uso do preservativo masculino em todas as relações sexuais, conforme pesquisas segundo as quais o nível socioeconômico guarda uma relação direta com o nível de oportunidades educacionais, de acesso à informação e aos serviços de saúde. Como observado, os adolescentes de nível socioeconômico mais baixo, como os que frequentam a escola pública e, notadamente, os pertencentes aos grupos caso e controle da pesquisa em discussão, têm menos acesso a informações de qualidade sobre a infecção pelo vírus HIV, menor percepção da autoeficácia do uso consistente do preservativo masculino, menor intenção de utilizar constantemente a camisinha masculina e, portanto, menos usam adequadamente o preservativo masculino (CAMARGO; BERTOLDO, 2006; BERGAMIM; BORGES, 2009; MATOS; VEIGA; REIS, 2009; CRUZEIRO et al., 2010).

Associado a essas considerações, quanto maior a escolaridade e a renda familiar maior são o uso do preservativo masculino nas relações sexuais. Assim, os adolescentes dos grupos caso e controle com o mesmo nível de escolaridade e a mesma renda familiar não são influenciados de nenhuma maneira por essas duas variáveis no tocante à utilização da camisinha nos intercursos sexuais (PAIVA et al., 2008).

No entanto, com diferença significativa estatisticamente, a grande maioria dos adolescentes do grupo-caso moram com menos familiares que trabalham (uma ou duas pessoas), enquanto a maior parte dos adolescentes do grupo controle residem com dois ou mais de dois familiares que exercem atividades laborais para

garantir a mesma renda familiar da família dos adolescentes do grupo-caso e, por conseguinte, a subsistência da família.

Assim, como se pode inferir, possivelmente, os adolescentes do grupo-controle têm menos contato diário com seus familiares e, portanto, são menos influenciados socialmente por eles e recebem menos orientações referentes ao uso frequente e constante do preservativo masculino e, conseqüentemente, à prevenção da infecção pelo vírus HIV.

Já os adolescentes do grupo-caso convivem com mais familiares que não trabalham e, dessa maneira, podem receber mais influência social e cultural destes familiares e, notadamente, podem ser mais conscientizados sexualmente em questões importantes como o uso do preservativo em todas as relações sexuais, o qual é um comportamento sexual preventivo que reduz sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV.

Em corroboração a esse resultado, consoante pesquisas, um dos fatores estimuladores ao uso constante e frequente do preservativo masculino pelos adolescentes do sexo masculino é o grau de conhecimento sobre o uso adequado da camisinha (TEIXEIRA et al., 2006) adquirido por meio das conversas com os pais, os quais são apontados pelos adolescentes como fonte de informação e de esclarecimento das dúvidas sobre assuntos relacionados à sexualidade, sexo e uso adequado do preservativo masculino (BRÊTAS; OHARA; JARDIM, 2008; BORGES; NICHIAITA; SCHOR, 2006).

Dessa forma, segundo se entende, os adolescentes do grupo-controle podem não estar usando constantemente o preservativo masculino em decorrência da pouca estimulação familiar sobre este em suas relações sexuais, o que não reduz sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV, ao contrário do vivenciado pelos adolescentes do grupo-caso.

Conforme o discutido anteriormente, e como autores mencionam, os adolescentes que conversam sobre o adequado uso do preservativo com seus pais usam mais frequentemente a camisinha masculina durante os intercursos sexuais. Desse modo, contribuem para a redução do comportamento de risco e da infecção pelo vírus HIV, motivada pelo não uso do preservativo constantemente (MARTINEZ; ABMA; COPEN, 2010). Assim como o mencionado em uma pesquisa segundo a qual a mãe é uma das pessoas mais influentes no tocante à intenção do uso do preservativo pelos adolescentes do sexo masculino (MATOS; VEIGA; REIS, 2009).

Ainda de acordo com estudos, a intenção de uso do preservativo pelos adolescentes do sexo masculino é impulsionada pelo conhecimento dos benefícios à saúde sexual proporcionada pelo seu uso consistente e, conseqüentemente, pela tomada de atitude de utilizá-lo consistentemente, associada às pressões sociais exercidas pelo meio onde está inserido. Isto justifica, talvez, o resultado de que os adolescentes do grupo-controle não utilizam o preservativo masculino em todas as relações sexuais, pois a família não dispõe de tempo suficiente para conversar com eles sobre o uso consistente do preservativo masculino em todas as relações sexuais e sobre o benefício ocasionado por essa ação à sua saúde sexual, o que pode não estar ocorrendo no dia-a-dia dos constituintes do grupo-caso (OLIVEIRA; DIAS; SILVA, 2005).

Ressalta-se, porém: apesar dos pais dos adolescentes do grupo-caso disporem de mais tempo para dialogarem acerca da importância do preservativo para a prevenção da infecção pelo vírus HIV, isto pode não estar sendo feito de maneira satisfatória, pois, de acordo com pesquisas, mesmo quando há conversa entre pais e filhos, alguns genitores não estão correspondendo às expectativas dos adolescentes quanto à necessidade de conhecerem o modo de transmissão da infecção pelo vírus HIV e, conseqüentemente, o modo de prevenção da infecção por este vírus. Esta falha pode advir do limitado conhecimento acerca dessa temática e pela vergonha de abordar esse assunto, considerado um tabu para as gerações mais antigas (MAIA, 2009).

Em face dessa ineficiência dos pais em dialogarem com seus filhos sobre o uso adequado do preservativo masculino com vistas à redução da infecção pelo HIV, a televisão e, particularmente, a telenovela é apontada atualmente como uma poderosa fonte de informação sobre assuntos relacionados a sexo (GOMES et al., 2005).

Além desses fatores socioeconômicos identificados, verificou-se com ausência de significância estatística que um maior número de adolescentes do grupo-caso apresenta como relacionamento afetivo atual o “fica”, enquanto uma maior quantidade de adolescentes do grupo-controle está namorando.

Esse resultado é similar ao identificado por autores segundo os quais o “fica” e o namoro são as formas de relacionamento mais comuns na adolescência; o “fica” é um relacionamento típico dessa fase e é apontado pelos adolescentes como um primeiro contato que permite a troca de beijos, carícias e até envolvimento

sexual e pode conduzi-los ao namoro, mas também é avaliado como um passatempo, uma diversão, situação bem característica da adolescência, fase marcada pelas descobertas e pela vivência de novas e inúmeras experiências afetivas. Em contrapartida, o namoro é a forma de relacionamento preferida pelos adolescentes e é definido como uma relação mais duradoura e marcada pelo compromisso e fidelidade do casal (JUSTO, 2005).

Assim, os adolescentes do grupo-caso que estão “ficando” mais que namorando são mais influenciados pelo modelo de relacionamento da contemporaneidade no qual é fascinante a maior diversidade, a provisoriidade e a maior abreviação das relações afetivas, pois o “fica” permite conhecer um maior número de mulheres e até desfrutar de um maior número de experiências sexuais. Isto, de certa forma, justifica o uso de preservativos masculinos em todas as relações sexuais por esses adolescentes.

Em contrapartida, os adolescentes do grupo-controle, apesar de muitos terem como relacionamento afetivo atual o “fica”, um maior número desses estão namorando, o que demonstra a preferência destes por relacionamentos mais estáveis e duradouros. Esta atitude os torna mais confiantes do compromisso e da fidelidade garantida por esse tipo de relação afetiva. Portanto, isso pode ser uma justificativa para o não uso do preservativo masculino em todas as relações sexuais, pois, como autores apontam, a relação supostamente monogâmica, caracterizada pela confiança na namorada e pelo maior conhecimento acerca da menina, é realçada pelos adolescentes como um fator protetor para a infecção pelo vírus HIV, visto que a relação sexual com a namorada não exige o uso do preservativo, enquanto a relação com a “ficante”, que é uma pessoa desconhecida, solicita a utilização da camisinha (GELUDA et al., 2006).

Quanto ao início da vida sexual, conforme detectou-se, de modo semelhante estatisticamente, para os adolescentes dos grupos caso e controle, ocorreu precocemente, em média aos 14,44 anos de idade ($p = 0,847$). Como afirmam Bozon e Heilborn (apud GUBERT; MADUREIRA, 2008), a iniciação sexual é precoce quando o adolescente começa sua vida sexual com idade inferior a 15 anos.

A iniciação sexual precoce identificada nos adolescentes é uma realidade em muitos Estados do Brasil, e pode-se comprovar com algumas pesquisas, como uma realizada no município de São Paulo envolvendo a população de adolescentes

escolares, os quais iniciaram a vida sexual com idade igual ou inferior a 14 anos (BRÊTAS; OHARA; JARDIM, 2008) e outra, na capital do Rio Grande do Norte, que mostra de maneira similar que a faixa etária dos adolescentes de início da vida sexual foi de 13 a 15 anos (MONTEIRO; MEDEIROS; OLIVEIRA, 2007).

Além da precocidade do início da primeira relação sexual, outro dado importante quanto aos adolescentes de ambos os grupos foi o tipo de relacionamento afetivo com essa primeira parceira sexual. Neste aspecto, os dados demonstraram semelhança estatística, devido a maior parte dos adolescentes do grupo-caso (41) apresentar como relacionamento afetivo com a primeira parceira sexual o “fica”, enquanto os adolescentes do grupo-controle mantiveram, em sua maioria, dois tipos de relacionamento afetivo com a primeira parceira sexual: o namoro (30) e o “fica” (28).

Desse modo, o relacionamento sexual pela primeira vez com parceiras sexuais eventuais como “ficantes” foi um dado apontado pela maioria dos adolescentes do grupo-caso e por um menor número de adolescentes do grupo-controle. Tal achado justifica o uso do preservativo em todas as relações sexuais pelos pertencentes ao grupo-caso, mas a não utilização consistente do preservativo pelos componentes do grupo-controle é um dado preocupante, pois este comportamento sexual deste grupo difere da atitude assumida pelos adolescentes de outro estudo, no qual a relação sexual com “ficantes” é um fator que exige o uso do preservativo em todos os intercursos sexuais (CRUZEIRO et al., 2010).

Ter a primeira relação sexual com “ficantes” foi um dado encontrado também em outra pesquisa em que 45,1% dos adolescentes do sexo masculino tinham iniciado sua vida sexual com “ficantes”; no entanto, iniciar a vida sexual com a namorada, segundo o mencionado por um maior número de adolescentes do grupo-controle, não foi encontrado nessa pesquisa, pois, como os autores descrevem, apenas 19,8% dos adolescentes iniciaram sua vida sexual com parceiras estáveis (GUBERT; MADUREIRA, 2008).

Já em outra pesquisa, segundo encontrado, a maioria (53,5%) dos adolescentes do sexo masculino começou a sua vida sexual com a namorada, conforme as respostas dos adolescentes do grupo-controle (BERGAMIM; BORGES, 2009).

Quanto aos motivos a impulsionar os adolescentes ao início da sua vida sexual, consoante averiguou-se, com diferença significativa estatisticamente, a

atração foi mencionada por um elevado número de adolescentes (40) do grupo-caso, enquanto no grupo-controle o motivo foi dividido em dois, a curiosidade, apontada por vinte adolescentes, e a atração, por 28 deles.

Estes dados foram identificados também em outras pesquisas nas quais a atração seguida da curiosidade foram apontadas como os principais motivos a induzir os adolescentes do sexo masculino à prática sexual pela primeira vez (BORGES, SCHOR, 2007).

No tocante à justificativa para a diferença estatística entre os motivos que levaram os adolescentes ao início da vida sexual, ressalta-se: os adolescentes do grupo-caso são mais motivados pela satisfação dos seus desejos de ordem física e dos seus instintos masculinos, e os do grupo-controle são motivados, de maneira equilibrada, pela atração e curiosidade, a sinalizar que esses indivíduos buscam a satisfação dos seus desejos de ordem física e de suas curiosidades, assim como procuram vivenciar novas experiências, conforme os aspectos psicossociais da adolescência que impulsionam os adolescentes a novas descobertas e a experienciar novas sensações (GUBERT; MADUREIRA, 2008; BORGES; SCHOR, 2007).

Em referência ao relacionamento afetivo com a parceira sexual atual, detectou-se um indicativo de diferença de proporção, porquanto apenas 23 adolescentes do grupo-caso têm parceiras sexuais; três estão “ficando” e vinte namorando, números esses menores ao comparar com os pertencentes ao grupo-controle, no qual 37 adolescentes têm parceiras sexuais; onze estão “ficando” e 26 estão namorando.

Conforme percebeu-se, os adolescentes do grupo-controle, que não estão usando o preservativo masculino em todas as relações sexuais, estão se relacionando sexualmente mais que os adolescentes do grupo-caso. Mas ao se observar o relacionamento afetivo dos adolescentes do grupo-controle com sua parceira sexual, verificou-se que estes estão namorando mais que “ficando”. Tal confirmação pode justificar o não uso do preservativo masculino em todas as relações sexuais, já que, segundo a literatura, a relação estável pressupõe garantia de fidelidade e impossibilidade de transmissão da infecção pelo vírus HIV (GELUDA et al., 2006).

A partir desses dados comparativos entre os fatores socioeconômicos e o comportamento sexual dos adolescentes do grupo caso e controle, percebeu-se que

o início precoce da atividade sexual pelos adolescentes e, conseqüentemente, a continuidade no engajamento sexual com “ficantes” e namoradas é resultado da influência social, cultural e familiar do meio onde está inserido, já que são indivíduos em fase de amadurecimento sexual, ideológico e vocacional, e, portanto, influenciáveis pelas crenças e valores perpetuados pela sociedade atual, assim como pelos modelos de conduta e de comportamento sexual divulgados pela mídia televisiva e, mais precisamente, pela telenovela. Por esse motivo, investigou-se o hábito de assistir a telenovelas pelos adolescentes do estudo.

Com isso, é salutar verificar que a maioria dos adolescentes dos grupos caso (34) e controle (43) assistiam a telenovelas exibidas em todos os horários pelas diversas emissoras de televisão, como a Rede Globo, o Sistema Brasileiro de Televisão e a Rede Record, e, até 75% dos adolescentes assistiam até duas telenovelas por dia.

Ainda, como se apreendeu, para os adolescentes participantes da pesquisa, a prática de assistirem à telenovela é uma das atividades do seu fazer diário e é motivada, de acordo com a opinião decrescente de um maior número de adolescentes, pelas cenas de romance, cenas de comédia, brigas e confusões, cenário, cenas de sexo, atores e atrizes, enredo e por apresentar o cotidiano de maneira similar ao da vida real.

Portanto, os integrantes dos grupos caso e controle, de maneira semelhante, assistem à telenovela por ser essa uma fonte de lazer e entretenimento; de visualização das relações amorosas vivenciadas na contemporaneidade; de verificação dos desfechos amorosos e das relações conflituosas enfrentadas pelos atores e atrizes; de visualização de imagens da realidade brasileira, da paisagem urbana e rural das cidades do Brasil e do exterior; da diversidade cultural e socioeconômica de comunidades das cidades das diversas regiões do Brasil e de verificação do comportamento sexual dos personagens.

Dessa forma, os motivos que atraem os adolescentes dos grupos caso e controle a assistirem à telenovela são similares aos divulgados pela literatura. Nesta, segundo consta, os adolescentes assistem a telenovelas motivados pelo desejo de ver e ouvir histórias, que se assemelham, na maioria das vezes, às histórias de vida, de anseios, de afetos e de conflitos vivenciados por eles em sua realidade de vida (FISCHER, 2007). Ainda como afirmam outros autores, a telenovela possui essa função de mobilizar grande parcela da população de adolescentes, por reforçar os

valores culturais da sociedade contemporânea, exibir a realidade brasileira e abordar temas do cotidiano social, econômico e cultural das pessoas (OGURI; CHAUVEL; SAUREZ, 2009).

Na ótica de Marques (2008), a telenovela é considerada uma fonte de entretenimento e de distração. Propicia momentos de alegria, de autoajuda, e pode ser fonte para resolução de problemas pessoais mediante associação com os personagens e narrativas exibidas, o que a torna constituinte da história de vida.

Assim, ao conhecer os motivos que incentivam os adolescentes a assistirem à telenovela, foi essencial perceber que para parte dos integrantes de ambos os grupos (29 do grupo-caso e 32 do grupo-controle) a telenovela não influenciou na decisão em ter a primeira relação sexual. Igualmente, para muitos constituintes dos grupos caso (22) e controle (31), a telenovela não os estimula a se relacionarem sexualmente de maneira contínua. Entretanto segundo mais adolescentes (11) do grupo-controle em relação ao grupo-caso (5), a telenovela influenciou na decisão em ter a primeira relação sexual.

Esses dados não são equivalentes aos expostos na literatura, segundo a qual a telenovela, por meio da exibição de muitas cenas eróticas, de nudez e de sexo, estimula a iniciação sexual precoce e a prática continuada do sexo devido aos anseios dos adolescentes por novas experiências sexuais e por acreditar que o comportamento sexual mostrado nas telenovelas é o modelo de conduta socialmente aceito e difundido (PENTEADO, 2009; MARTINO et al., 2009).

Ainda em referência ao comportamento sexual dos adolescentes de ambos os grupos, consoante se averiguou, parte dos adolescentes do grupo-caso (19) e do grupo-controle (24) que assistem à telenovela, de modo semelhante estatisticamente, mencionaram que a telenovela incentiva o uso do preservativo masculino.

De acordo com o resultado descrito anteriormente, conforme uma autora aponta, a telenovela promove campanhas de conscientização para o uso consistente do preservativo. Estas, apesar de serem campanhas curtas, ficam no consciente e subconsciente dos adolescentes. Portanto, pode induzi-los ao uso frequente por força da conduta de imitarem o que é exibido pela telenovela (MARQUES, 2008). Ademais, as informações transmitidas pela telenovela podem conduzir os adolescentes ao uso constante do preservativo masculino e, assim, a se prevenirem adequadamente da infecção pelo HIV (QUINTERO et al., 2009).

No entanto, esse estímulo ao uso do preservativo pela telenovela não tem incentivado os adolescentes do grupo-controle que assistem mais telenovela do que os do grupo-caso a adotarem o preservativo em todas as relações sexuais. Tal situação pode ser justificada pelo fato de a telenovela ser constituída pela exibição de diálogos curtos e superficiais entre seus personagens (MARQUES, 2008; MARCONDES FILHO, 1994). Diálogos desse tipo dificultam a discussão de temáticas polêmicas como as consequências do sexo desprotegido entre os adolescentes e, por conseguinte, a reflexão dos adolescentes tanto sobre sua atitude no tocante ao uso do preservativo masculino como diante da prevenção da infecção pelo vírus HIV.

Ainda como se apreendeu, e conforme um número elevado de componentes do grupo-caso (21) e do grupo-controle (22) que assistem à telenovela, de maneira semelhante estatisticamente, a telenovela não os estimula a ter muitos parceiros sexuais. No entanto, segundo uma maior quantidade de adolescentes do grupo-controle (21) em comparação ao grupo-caso (13), a telenovela os estimula a terem muitos parceiros sexuais.

A partir desse resultado, consoante podemos supor, a telenovela para muitos dos participantes do estudo não os estimulou a manter muitas parceiras sexuais, pois este comportamento é típico da adolescência por ser uma fase da vida caracterizada pelo desejo de experimentar situações novas e vivenciar diversificados momentos de prazer. Logo, é uma experiência vivida por muitos adolescentes, principalmente pelos do sexo masculino, independentemente de incentivo (GRIEP; ARAÚJO; BATISTA, 2005).

Quanto ao estímulo advindo da telenovela a apresentar muitos parceiros sexuais, conforme a literatura afirma, este produto da televisão brasileira incentiva o adolescente ao aumento na sua atividade sexual e, conseqüentemente, ao maior número de parceiras sexuais (ESCOBAR-CHAVES et al., 2005). Assim, para um maior número de adolescentes do grupo-controle (21) em relação à quantidade de componentes do grupo-caso (13) a telenovela os estimula a ter muitas parceiras sexuais.

Ainda como se identificou, para uma parte dos integrantes do grupo-caso (21) e do grupo-controle (22), a telenovela veicula cenas de sexo entre adolescentes de modo semelhante estatisticamente, conforme o observado por alguns autores, os quais relatam que a maioria dos programas contém imagens de sexo ou discursos

sobre relacionamento sexual, além de mostrar os adolescentes falando sobre relação sexual e até mesmo se relacionando sexualmente sem mencionar as consequências que o ato sexual sem preservativo masculino pode ocasionar para a sua saúde sexual e para a sua vida (BROW; WITHERSPOON, 2002).

Embora a telenovela exiba cenas de sexo entre adolescentes, na opinião de constituintes do grupo-caso (12) e do grupo-controle (14), com ausência de diferença significativa estatisticamente, estas não influenciam seu comportamento sexual. Mas tal opinião não se confirma na literatura, cujos autores comentam que o excesso de exibição de cenas de sexo entre adolescentes pode sim estimular o adolescente à prática sexual (BROW; WITHERSPOON, 2002; NONOYAMA et al., 2005).

Em seguida, conforme evidenciou-se, adolescentes do grupo-caso (23) e uma maior quantidade de integrantes do grupo-controle (31) apontaram, de maneira semelhante estatisticamente, que a telenovela ensina algo sobre prevenção da infecção pelo vírus HIV. Já na ótica de Marques (2008), a telenovela possui a função de educar os adolescentes sobre assuntos relacionados ao sexo, ensina a usar o preservativo masculino e, assim, a se prevenirem contra a infecção pelo vírus HIV.

No entanto, apesar de ambos os adolescentes dos grupos caso e controle mencionarem que a telenovela ensina sobre prevenção da infecção pelo HIV, esse conhecimento adquirido não foi suficiente para garantir o uso adequado do preservativo masculino pelos adolescentes do grupo-controle, pois o nível de conhecimento dessa população no tocante à temática em discussão nem sempre pode ser traduzido na ação de utilizar a camisinha masculina em todas as relações sexuais (GOMES et al., 2005).

Por meio desses resultados, como foi possível verificar, um maior número de adolescentes do grupo-controle (43) assistiu a telenovelas em comparação aos do grupo-caso (34). Além disso, uma maior quantidade de adolescentes do grupo-controle (38) assistiu a telenovelas da emissora de televisão denominada Globo em relação aos do outro grupo (27). Em acréscimo a esses dados, mais adolescentes do grupo-controle (19) assistiram à malhação, telenovela exibida pela rede Globo e direcionada ao público dessa faixa etária, em comparação aos do grupo-caso (9). E, ainda: de acordo com mais adolescentes do grupo-controle (15) a telenovela influencia seu comportamento sexual em comparação aos adolescentes do grupo-caso (5).

Dessa forma, como é possível inferir, os adolescentes do grupo-controle são, possivelmente, mais influenciados pela telenovela da Rede Globo e, mais precisamente, pela *Malhação*. Tal contestação pode estar contribuindo para os seguintes comportamentos de risco e, notadamente, para o aumento da sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV: o não uso do preservativo masculino em todos os intercursos sexuais, como na primeira relação sexual, a qual foi motivada pela atração (28) e pela curiosidade (20), com “ficantes” (28) e com a namorada (30); a não utilização da camisinha no relacionamento sexual atual com “ficantes” (11) e com a namorada (26) e a existência de mais de uma parceira sexual (10).

Isso se deve ao fato de a telenovela da Rede Globo exercer influência no comportamento sexual dos adolescentes devido à exibição de namoro associado a cenas de sexo de modo exagerado envolvendo, muitas vezes, o relacionamento afetivo e sexual com atores adolescentes que pouco discutem em cena a importância da relação sexual segura para a vida e saúde desses indivíduos. Desse modo, contribui para a prática sexual sem o uso adequado do preservativo masculino, porquanto essa população pode ver o sexo desprotegido como modelo de conduta socialmente aceito (MARQUES, 2008).

Essa interferência da telenovela da Rede Globo na vida sexual do adolescente também é ocasionada pelo fato do hábito de assistir a esse produto televisivo estar inserido nas atividades cotidianas da família, o que permite ao adolescente visualizar a história exibida e transferir os problemas de saúde com suas soluções para o cotidiano da sua própria vida. Ao mesmo tempo, pode possibilitar a conversa entre familiares e com outras pessoas sobre temáticas abordadas pelos autores, o que torna as telenovelas dessa emissora uma atividade de lazer e distração, assim como uma fonte de informação sobre temáticas variadas, invadindo os lares dos brasileiros e tornando-se a emissora de televisão de maior audiência pelos telespectadores do Brasil (REIS; SOUZA; LAVINSKY, 2004).

Ressalta-se, ainda: os dados encontrados podem ser justificados por ser a *Malhação* transmitida no final da tarde pela emissora de televisão Rede Globo e, portanto, de mais fácil acesso, e por ser uma telenovela que retrata a vida cotidiana de adolescentes e apresenta cenas nas quais estes se encontram iniciando sua vida sexual, algumas vezes, com parceiras eventuais, outras, com a namorada. Além disso, a *Malhação* veicula cenas que exibem personagens adolescentes cuja vida sexual é motivada pela atração, curiosidade e vivência de novas experiências e têm,

em algumas situações, mais de uma parceira sexual. Em meio a estes comportamentos sexuais mostrados por esta telenovela, não existe uma discussão aprofundada sobre o uso do preservativo masculino em todas as relações sexuais e, certamente, sobre os modos de prevenir a infecção pelo vírus HIV.

Como a *Malhação* é uma telenovela produzida para o público adolescente, veiculada pela Rede Globo de segunda a sexta-feira e caracterizada pela exibição de cenas que retratam o adolescente como um ser que vivencia, constantemente, a dificuldade e a insegurança quanto a escolhas amorosas e ao início da sua vida sexual, ela é assistida com frequência por esse público. Logo, na medida em que o adolescente transfere para a sua vida a conduta dos atores diante dos problemas e sucessos obtidos pela forma de relacionamento amoroso e sexual adotado por eles, mesmo quando esse comportamento seja de ter muitos parceiros sexuais e de não utilizar o preservativo masculino em todas as relações sexuais, na maioria das vezes, não ocorre o diálogo entre atores acerca da prevenção da infecção pelo vírus HIV por meio da exibição da importância do uso constante da camisinha (FISCHER, 2005).

Como já foi mencionado, um ponto negativo da *Malhação* são os diálogos curtos e superficiais entre seus personagens (MARQUES, 2008; MARCONDES FILHO, 1994), os quais dificultam a discussão de temáticas polêmicas como as consequências do sexo desprotegido entre os adolescentes. Ainda conforme outros autores comentam, a telenovela pode estimular os adolescentes a se relacionarem com várias parceiras sexuais sem o uso constante e adequado de métodos preventivos, tornando-os vulneráveis à infecção pelo vírus HIV. Isto porque os capítulos exibidos mostram namoro entre adolescentes, cenas de sexo entre eles, personagens ousados e nudez em excesso, sem, contudo, referir-se à vulnerabilidade acentuada à infecção pelo HIV em decorrência da relação sexual desprotegida (EGGERMONT, 2005; MARTINO et al., 2009; MARQUES, 2008; PENTEADO, 2009; COLLINS et al., 2004; MIGUEL; TONELI, 2007; ESCOBAR-CHAVES et al., 2005).

Segundo os dados do estudo, os adolescentes do grupo-caso não apresentam comportamento de risco que aumente sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV. Como referido, eles usam o preservativo em todas as relações sexuais, mesmo quando se trata da primeira relação sexual motivada pela curiosidade (40) ou de relações sexuais subsequentes, independente de ser a

parceira uma “ficante” ou namorada, ou de possuir uma ou mais de uma parceira sexual. Este comportamento pode ser justificado pelo fato de parte desses (34) assistirem à telenovela e apreenderem com maior facilidade a necessidade do uso do preservativo masculino.

Assim, de acordo com alguns autores, a telenovela propicia a discussão de temáticas relacionadas ao comportamento sexual de risco e influencia a mudança de conduta e o uso do preservativo em todas as relações sexuais no intuito de reduzir a vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV (REIS; SOUZA; LAVINSKY, 2004).

A telenovela tem também a função de ensinar e educar a população e, em especial, o adolescente sobre temas diversificados como sexo na adolescência e prevenção da infecção pelo vírus HIV. Ademais, promove campanhas de incentivo ao uso do preservativo masculino que favorecem a redução do comportamento sexual desprotegido e o aumento da negociação sexual entre parceiros mediante uso de métodos preventivos à infecção pelo vírus HIV (MARQUES, 2008; BERTRAND; ANHANG, 2006).

Mesmo assim, por meio do estudo em tela, foi possível identificar, preponderantemente, a influência negativa da telenovela sobre o comportamento sexual dos adolescentes. Como observado, os componentes do grupo-controle foram os que mais assistiram à telenovela da Rede Globo e, mais precisamente, a Malhação e, portanto, sob essa influência são os mais vulneráveis à infecção pelo vírus HIV, pois não utilizam o preservativo masculino em todas as relações sexuais. Este é, pois, um achado importante para a comunidade científica em face da carência de estudos que examinem o impacto dos conteúdos midiáticos e mais precisamente da telenovela sobre as atitudes sexuais dos adolescentes (ESCOBAR-CHAVES et al., 2005).

Segundo comprovado pela literatura, a telenovela é uma importante fonte de informação, mas nem sempre é a mais apropriada em virtude de explorar questões associadas à sexualidade sem estabelecer uma correlação com um comportamento sexual seguro no tocante à infecção pelo vírus HIV. Revela-se, portanto, como uma influência negativa para o uso constante do preservativo masculino (GOMES et al., 2005).

Percebeu-se, também, por meio deste estudo, o frágil potencial da telenovela para incentivar o uso consistente do preservativo pelos adolescentes e,

por conseguinte, reduzir sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV. A telenovela não estimula o adolescente a refletir sobre seu comportamento sexual, não considera as influências culturais, sociais e emocionais às quais o indivíduo está submetido no momento da relação sexual e não discute as questões de gênero inerentes aos relacionamentos sexuais.

Esta assertiva se deve à análise de que para estimular o uso constante do preservativo nas relações sexuais dos adolescentes é necessário desenvolver suas habilidades para a tomada de decisão responsável quanto ao seu comportamento sexual. Sempre considerando a existência de fatores sociais, culturais e afetivos como potentes influenciadores do modo de viver e pensar dos adolescentes, é preciso conscientizá-los para a prática de ações que minimizem ou anulem os riscos de infecção sexual pelo vírus HIV e conduzi-los a refletir sobre o seu modo de agir sexualmente (MANDÚ, 2004; BESERRA; ARAÚJO; BARROSO, 2006).

7 CONCLUSÃO

Com este estudo, verificou-se a similaridade entre os aspectos socioeconômicos apresentados pelos integrantes do grupo-caso, que usam o preservativo masculino em todas as relações sexuais, e do grupo-controle, que utilizam o preservativo masculino em algumas relações sexuais ou em nenhuma delas. Mas, no tocante a estes aspectos, houve apenas uma diferença significativa estatisticamente no referente ao número de familiares dos adolescentes de ambos os grupos que exercem atividade laboral, a qual possibilitou a identificação de uma provável associação entre possuir mais familiares que trabalham e usar inconstantemente o preservativo masculino em todas as relações sexuais.

Assim, a não utilização constante do preservativo masculino pelos adolescentes do grupo-controle pode estar relacionada com a maior ausência de seus pais do domicílio, em decorrência do exercício de atividades laborais. Desse modo, conseqüentemente, há menor oportunidade para dialogar com os genitores acerca da importância do uso do preservativo masculino nas relações sexuais para sua saúde e qualidade de vida e reduzido tempo para a discussão acerca dos aspectos culturais permeados pela família e que podem influenciar no seu comportamento sexual.

Também como se detectou, mesmo com a faixa etária semelhante de início das relações sexuais, os adolescentes dos grupos caso e controle foram motivados, de maneira diferente, ao início da prática dos intercursos sexuais, pois a curiosidade incentivou os integrantes do grupo-caso ao início, enquanto a curiosidade e a atração impulsionaram os componentes do grupo-controle ao engajamento sexual pela primeira vez.

Em seguida, consoante se verificou, os adolescentes do grupo-caso têm menos parceiras sexuais do que os do grupo-controle, e estas parceiras para os componentes de ambos os grupos são, em sua maioria, suas namoradas. No entanto, como se observou os adolescentes do grupo-caso estão se relacionando sexualmente com um menor número de “ficantes” do que os do outro grupo, que não usa o preservativo masculino em todas as relações sexuais.

Ainda como se verificou, os adolescentes do grupo-caso assistem menos telenovelas da Rede Globo, entre estas, a Malhação, e apresentam, segundo a opinião deles mesmos, um comportamento sexual com um menor nível de influência

da telenovela que os do grupo-controle. Portanto, a telenovela, juntamente com uma menor oportunidade de diálogo com os pais, contribuiu, preponderantemente, para a prática pelos adolescentes do grupo controle dos seguintes comportamentos de risco e, conclusivamente, para o aumento da sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV: possuir mais de uma parceira sexual e não usar o preservativo masculino em todos os intercursos sexuais com a namorada e com “ficantes”.

De acordo com a concepção segundo a qual a vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV é determinada pela articulação dos eixos individual, social e pragmático (AYRES et al., 2009), e conforme o eixo individual, os adolescentes de ambos os grupos têm o mesmo nível de vulnerabilidade no referente ao grau e qualidade de informação sobre meios de transmissão e métodos de prevenção da infecção pelo vírus HIV transmitida pelos professores da escola, já que todos os adolescentes são estudantes de escolas públicas da mesma cidade do Brasil. Contudo, os componentes do grupo-controle são mais vulneráveis à infecção por este vírus, conforme este eixo, por dispor de reduzido acesso a informações adequadas sobre medidas de controle e de prevenção do vírus HIV provenientes da família, assim como, possivelmente, menor interesse de transformar o pouco conhecimento adquirido em práticas efetivas de proteção.

No concernente ao eixo social de vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV, os adolescentes de ambos os grupos não demonstraram diferenças quanto ao nível de vulnerabilidade no tocante à escolarização e à disponibilidade de recursos materiais, mas, em relação ao acesso aos meios de comunicação, os do grupo-controle apresentam maior acesso às informações veiculadas pela telenovela, pois assistem mais telenovela do que os do grupo-caso e, segundo a pesquisa, são mais influenciados por esta de maneira negativa, porquanto têm um maior número de parceiras sexuais e um menor ou nenhum uso do preservativo masculino nas relações sexuais. Isto, sobretudo, em decorrência da veiculação de cenas de sexo entre atores, os quais, apesar de mostrarem, em poucas cenas, que estão usando o preservativo, não discutem de maneira reflexiva e aprofundada sobre a importância do uso constante e consistente da camisinha masculina em todas as relações sexuais, independente de ser a parceira sexual a namorada ou uma “ficante”.

Em referência ao eixo pragmático da vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV, os adolescentes de ambos os grupos denotam o mesmo nível de vulnerabilidade, pois estão submetidos às mesmas ações promovidas pelos

programas nacionais, regionais e locais destinadas ao controle e prevenção da infecção pelo vírus HIV.

Dessa forma, como se percebe, embora os adolescentes disponham do mesmo nível socioeconômico e frequentem o mesmo tipo de escola, tem-se a diferença de comportamento sexual e a divergência quanto ao grau de vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV entre adolescentes que cultivam o hábito diferenciado de assistir à telenovela, à proporção que quanto maior o hábito de assistir à telenovela menor é o uso do preservativo nas relações sexuais.

Consoante se depreende, os profissionais de saúde, cientes dos resultados obtidos com a pesquisa, precisam orientar os pais e a escola, considerados uma das principais fontes de informação acerca da infecção pelo vírus HIV, a discutirem com os adolescentes sobre a informação veiculada pela telenovela, de maneira a ajudá-los a refletirem acerca do que é exibido e a orientá-los a transformarem em ação apenas modelos de conduta favorecedores da proteção à sua saúde com vistas a melhorarem sua qualidade de vida.

Ademais, os profissionais de saúde também devem elaborar e executar atividades de educação em saúde nas escolas, por serem os locais mais frequentados pelos adolescentes de todas as faixas etárias, direcionadas para os professores, pais e adolescentes em momentos diferentes, no intuito de abordarem os modos de transmissão e os métodos de prevenção da infecção pelo vírus HIV de maneira dialógica e reflexiva. Devem também discutir acerca dos fatores sociais, culturais e afetivos passíveis de estar influenciando no comportamento sexual dos adolescentes, porquanto estes se protegem contra a infecção pelo vírus HIV de forma diferente quando a relação sexual é com uma “ficante” ou com a sua namorada.

Ainda como se pode observar por meio da realização do estudo, urge desenvolver pesquisas que considerem o nível de escolaridade da mãe como importante influência no uso do preservativo masculino. Sugere-se, também, a elaboração de pesquisas destinadas a avaliar mudanças no comportamento sexual dos adolescentes do sexo masculino após a implementação de atividades educativas embasadas em cenas da telenovela que abordam o uso do preservativo masculino e as que não abordam. Nesse caso, a finalidade é orientar os adolescentes a ressignificarem as informações veiculadas pela telenovela e ajudá-

los a julgarem de maneira crítica e reflexiva as informações recebidas e os modelos de conduta divulgados pela trama novelesca.

A partir dos resultados encontrados, é oportuno mencionar o seguinte: a pesquisa evidenciou como limitações a ausência de dados quanto ao grau de instrução dos pais dos adolescentes dos grupos caso e controle. Tal informação poderia ser útil para verificar se esses dados podem influenciar o modo de agir sexualmente dos componentes dos grupos caso e controle de maneira diferente e significativa estatisticamente.

Essa menção se deve ao observado na literatura científica segundo a qual quanto menor o número de anos estudados pela mãe do adolescente maior é a chance de esse indivíduo usar inconstantemente o preservativo masculino nas relações sexuais (CRUZEIRO et al., 2010).

Outra limitação da pesquisa foi trabalhá-la apenas com adolescentes do sexo masculino. Esta decisão justifica-se ao se apreender, após a aplicação do questionário com adolescentes de ambos os sexos, que a grande maioria dos adolescentes do sexo feminino assiste à telenovela. Portanto, este comportamento dificultaria a avaliação da influência da telenovela no comportamento sexual da adolescente por falta de dados comparativos acerca do comportamento sexual das adolescentes que assistem à telenovela em relação ao comportamento das que não assistem. Optou-se, então, por realizar a pesquisa apenas com adolescentes do sexo masculino, pois o número dos adolescentes que assistem à telenovela é quase similar à quantidade dos que não assistem.

Apesar das referidas limitações, espera-se contribuir para a prática segura do sexo pelos adolescentes, sobretudo mediante o uso do preservativo em todos os relacionamentos sexuais desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. M. B. **O fascínio de Scherzade**. Os usos sociais da telenovela. São Paulo: Annablume, 2003.
- AYRES, J. R. C. M. Práticas educativas e prevenção de HIV/Aids: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface Comunic. Saúde Educ.**, v. 6, n. 11, p. 11-24, 2002.
- AYRES, J. R. C. M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.
- AYRES, J. R. C. M. et al. Adolescência e Aids: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares. **Interface Comunic. Saúde Educ.**, v. 7, n. 12, p. 113-128, 2003.
- BARBOSA, R. G. et al. Conhecimento sobre DST/AIDS, hepatites e conduta sexual de universitários de São José do Rio Preto, SP. **DST J. Bras. Doenças Sex. Transm.**, v. 18, n. 4, p. 224-230, 2006.
- BASTOS, F. I. **Aids na terceira década**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- BERGAMIM, M. D.; BORGES, A. L. V. Fatores associados à iniciação sexual entre adolescentes da zona oeste do município de São Paulo. **Rev. Gaúch. Enferm.**, v. 30, n. 3, p. 420-428, set. 2009.
- BERGAMO, A. Imitação da ordem. As pesquisas sobre televisão no Brasil. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 18, n. 1, p. 303-328, jun. 2006.
- BERTRAND, J.T; ANHANG, R. The effectiveness of mass media in changing HIV/AIDS-related behaviors among young people in developing countries. **World Health Organ. Tech. Rep. Ser.**, v. 938, p. 205-241, 2006.
- BESERRA, E. P.; ARAÚJO, M. F. M.; BARROSO, M. G. T. Promoção da saúde em doenças transmissíveis – uma investigação entre adolescentes. **Acta Paul. Enferm.**, v.19, n. 4, p. 402-407, 2006.
- BESERRA, E. P. et al. Adolescência e vulnerabilidade às Doenças Sexualmente Transmissíveis: uma pesquisa documental. **DST J. Bras. Doenças Sex. Transm.**, v. 20, n. 1, p. 32-35, 2008.
- BORELLI, S. H. S. Telenovelas brasileiras – balanços e perspectivas. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, n. 3, p. 29-36, 2001.
- BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y. I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Rev. Latinoam. Enferm.**,v. 14, n. 3, p. 422-427, maio/jun. 2006.

BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual. **Cad. Saúde Pública**, v. 23, n. 1, p. 225-234, jan. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. AIDS e DST. **Boletim Epidemiol.**, 2009. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/publicacao/boletim-epidemiologico-aids-2009>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº196, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre a realização de pesquisas com seres humanos. Brasília, 1996.

BRÊTAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; JARDIM, D. P. O comportamento sexual de adolescentes em algumas escolas no município de Embu, São Paulo, Brasil. **Rev. Gaúch. Enferm.**, v. 29, n. 4, p. 581-587, dez. 2008.

BRÊTAS, J. R. S.; OHARA, C. V. S.; JARDIM, D. P.; MUROYA, R. L. Conhecimentos sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 43, n. 3, p. 551-557, 2009.

BROW, J. D.; WITHERSPOON, E. M. The mass media and American adolescents' health. **J. Adolesc. Health**, v. 31, p. 153-170, 2002.

CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B. Comparação da vulnerabilidade de estudantes da escola pública e particular em relação ao HIV. **Est. Psicol.**, v. 23, n. 4, p. 369-379, 2006.

CAMARGO, B. V.; BOTELHO, L. J. AIDS, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. **Rev. Saúde Pública**, v. 41, n. 1, p. 61-68, 2007.

CARDOSO, G. A massificação da experiência da internet. In: _____. **A Mídia na Sociedade em Rede: Filtros, Vitrines e Notícias**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 275-310.

CARVALHO, M. D. B. Álcool e adolescência: o perfil de consumidores de um município do norte do Paraná. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v.10, n.3, p. 408-416, dez. 2006.

CEARÁ. Secretaria de Educação do Estado. **Missão**. Disponível em: <<http://portal.seduc.ce.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2009.

CEARÁ. Secretaria da Saúde. **Saúde reprodutiva e sexual: um manual para a atenção primária e secundária (nível ambulatorial)**. Fortaleza, 2002.

COLLINS, R. L. et al. Watching sex on television predicts adolescent initiation of sexual behavior. **Pediatrics**, v. 114, n. 3, p. 280-289, set. 2004.

CRUZEIRO, A. L. S. et al. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativo em adolescentes. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 15, supl.1, p. 1149-1158, 2010.

DIÓGENES, K. M.; BORIS, G. D. J. B. Ficar, adolescência, amor romântico, mídia e consumo. **Humanidades Ciênc. Soc.**, v. 4, n. 3, p. 17-26, 2002.

EGGERMONT, S. Young adolescents' perceptions of peer sexual behaviours: the role of television viewing. **Child: Care, Health & Development**, v. 31, n. 4, p. 459-468, 2005.

ESCOBAR CHAVES, S. L. et al. Impact of the media on adolescents sexual attitudes and behaviors. **Pediatrics**, v.116, n. 1, p. 303-326, 2005.

FERNANDES, F. A. M. Mídia, cultura e cidadania. In: ADAMI, A; HELLER, B.; CARDOSO, H.D.F. (Org.). **Mídia, cultura e comunicação 2**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. p. 404.

FIGUEIREDO, M. A. C.; TERENCEZI, N. M. Relações conjugais de parceiros HIV soropositivos concordantes: uma visão masculina. **Psicol. Est.**, v. 13, n. 4, p.817-825, out./dez. 2008.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educ. Pesqui.**, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FISCHER, R. M. B. Mídia e juventude: experiências do público e privado na cultura. **Cad. Cedes**, v. 25, n. 65, p. 43-58, 2005.

FISCHER, R. M. B. Mídia, máquina de imagens e práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Educ.**, v. 12, n. 35, p. 290-299, 2007.

GARBIN, H. B. R.; PEREIRA NETO, A. F.; GUILAM, M. C. R. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. **Interface**, Botucatu, v. 12, n. 26, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 ago. 2009.

GELUDA, K. et al. "Quando um não quer, dois não brigam": um estudo sobre o não uso constante de preservativo masculino pelos adolescentes do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 8, p. 1671-1680, ago. 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, R. et al. Informações e valores de jovens sobre a Aids: avaliação de escolares de três cidades brasileiras. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 10, n. 2, p. 381-388, 2005.

GRIEP, R. H.; ARAÚJO, C. L. F.; BATISTA, S. M. Comportamento de risco para a infecção pelo vírus HIV entre adolescentes atendidos em um centro de testagem e aconselhamento em DST/AIDS no município do Rio de Janeiro, Brasil. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v. 14, n. 2, p. 119-126, 2005.

GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Rev. Debates**, v. 1, n. 1, p. 49-64, 2007.

GUBERT, D.; MADUREIRA, V. S. F. Iniciação sexual de homens adolescentes. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 13, supl. 2, p. 2247-2256, 2008.

HOCKENBERRY, M. J. **Wong**: fundamentos de enfermagem pediátrica. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

HOLANDA, M. L. et al. **Rev. Rene**, v.7, n.1, p. 27-34, jan./abr. 2006.

HULLEY, S. B. et al. **Delineando a pesquisa clínica**: uma abordagem epidemiológica. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela de distribuição percentual de estudantes de 18 a 24 anos de idade, por nível de ensino freqüentado, segundo as grandes regiões, unidades da federação e regiões metropolitanas – 2008. Tabela de freqüência líquida a estabelecimento de ensino da população residente de 7 a 17 anos de idade, por grupos de idade e nível de ensino, segundo as grandes regiões, unidades da federação e regiões metropolitanas – 2008. Tabela de distribuição percentual das pessoas que frequentam estabelecimento de ensino por nível e rede de ensino freqüentados, segundo as grandes regiões, unidades da federação e regiões metropolitanas-2008.** Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/indicadores_sociais/>. **Acesso** em: 23 nov. 2009.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Rev. Depart. Psicol. UFF**, v. 17, n. 1, p. 61-77, jan./jun. 2005.

MAIA, C. C. **Relação pais e filhos e sua influência na vulnerabilidade dos jovens a contaminação pelas ISTs/Aids**. 2009. 50 f. Monografia (Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MANDÚ, E. N. T. Consulta de enfermagem na promoção da saúde sexual. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 57, n. 6, p. 729-732, 2004.

MARCONDES FILHO, C. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARQUES, E. S. et al. O conhecimento dos escolares adolescentes sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. **Rev. Eletr. Enferm.**, v. 8, n.1, p. 58-62, 2006.

MARQUES, J. A. **Vozes da cidade**: O sentido da telenovela na metrópole paulistana. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARTINEZ, G.; ABMA, J.; COPEN, C. Educating teenagers about sex in the United States. **NCHS Data Brief.**, n. 44, set. 2010.

MARTINO, S. C. et al. It's better on TV: does television set teenagers up for regret following sexual initiation? **Perspect. Sex. Reprod. Health**, v. 41, n. 2, p. 92-100, 2009.

MARTINS, L. B. M. et al. Fatores associados ao uso do preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do município de São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v.22, n. 2, p. 315-323, fev. 2006.

MATOS, E. B.; VEIGA, R. T.; REIS, Z. S. N. Intenção de uso de preservativo masculino entre jovens estudantes de Belo Horizonte: um alerta aos ginecologistas. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, v. 31, n.11, p. 574-580, 2009.

MCQUAIL, D. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MIGUEL, R. B. P.; TONELI, M. J. F. Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura nacional e internacional. **Psicol. Est.**, v.12, n.2, p. 285-293, 2007.

MONTEIRO, A. I.; MEDEIROS, J. D.; OLIVEIRA, J. R. Estilo de vida e vulnerabilidade social dos adolescentes no Bairro de Felipe Camarão, Natal/RN, 2005. **Rev. Eletr. Enferm.**, v. 9, n. 1, p. 176-190. 2007. Disponível em <<http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n1a14.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2009.

MORAIS, P. B. Telenovela: o imaginário elaborado e transportado pela rede globo. **Rev. Humanidades**, v. 11, n. 9, p. 96-107, set. 1994.

MOTA, R. Uma pauta pública para uma nova televisão brasileira. **Rev. Sociol. Polit.**, v. 22, p. 77-86, jun. 2004.

MOURA, R. M. Acertos e erros da mídia. In: MOURA, R.M. **Sobre cultura e mídia**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2002.

MUSCARI, M. E.; HARGROVE-HUTTEL, R. A. Crescimento e desenvolvimento do adolescente. In: _____. **Enfermagem pediátrica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

MUÑOZ SÁNCHEZ, A. I.; BERTOLOZZI, M. R. Pode o conceito de vulnerabilidade apoiar a construção do conhecimento em saúde coletiva? **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, p. 319-324, 2007.

NASCIMENTO, L. C. S.; LOPES, C. M. Atividade sexual e Doenças Sexualmente Transmissíveis em escolares do 2º. grau de Rio Branco – Acre, Brasil. **Rev. Latinoam. Enferm.**, v. 8, n. 1, p. 107-113, jan. 2000.

NETTINA, S. M. **Brunner: prática de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

OGURI, L. M. B.; CHAUVEL, M. A.; SUAREZ, M. C. O processo de criação das telenovelas. **ERA**, v. 49, n. 1. p. 38-48, jan./mar. 2009.

NONOYAMA, M. et al. Influences of sex-related information for STD prevention. **J. Adolesc. Health**, v. 36, p. 442-445, 2005

OLIVEIRA, S. H. S.; DIAS, M. R.; SILVA, M. I. T. Adolescentes e AIDS: fatores que influenciam a intenção de uso do preservativo. **DST J. Bras. Doenças Sex. Transm.**, v. 17, n. 1, p. 32-38, 2005.

PAIVA, V.; CALAZANS, G.; VENTURI, G.; DIAS, R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. **Rev. Saúde Pública**, v. 42, supl. 1, p. 45-53, 2008.

PAIVA, V.; PERES, C.; BLESSA, C. Jovens e adolescentes em tempos de Aids reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. **Psicol. USP**, v. 13, n. 1, p. 55-78, 2002.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PENTEADO, J. R. W. Crianças, adolescentes e a mídia, quais são os fatos? Os fatos sobre marketing e publicidade. **Rev. ESPM**, v. 16, n. 4, p. 42-45, jul./ago. 2009.

PITTA, A. M. R. (Org.). **Saúde e comunicação: visibilidades e silêncio**. São Paulo: Hucitec, 1995.

POLIT, D. F.; BECK, C. T.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUINTERO, M. C. V. et al. Consumo de medios masivo de comunicaci3n en estudiantes universitarios de Manizales. **Hacia la Promoci3n de la Salud**, v. 14, n.1, p. 124-138, jan./jun. 2009.

REIS, M. E. C.; SOUZA, M. K. B.; LAVINSKY, A. E. Telenovela brasileira: um meio de veiculaç3o de quest3es de sa3de. **Ciênc. Cuidado Sa3de**, v. 3, n. 3, p. 303-310, set./dez. 2004.

REIS JÚNIOR, J. A. Decifra-me ou devoro-te. **Cad. Cedes**, v. 25, n. 65, p. 59-70, jan./abr. 2005.

RIZZINE, I. et al. Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. **Alceu**, v. 6, n.11, p. 41-63, 2005.

SALDANHA, A. A. W. et al. Comportamento sexual e vulnerabilidade à AIDS: um estudo descritivo com perspectiva de práticas de prevenção. **DST J. Bras. Doenças Sex. Transm.**, v. 20, n. 1, p. 36-44, 2008.

SANTOS, D. B.; SILVA, R. C. Sexualidade e normas de gênero em revistas para jovens adolescentes. **Sa3de Soc.** v.17, n.2, p.22-34, 2008.

SETTON, M. G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configuraç3es. **Educ. Pesqui.**, v. 28, n. 1, p. 107-116, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, C. M.; VARGENS, O. M. C. A percepção de mulheres quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST/HIV. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 43, n. 2, p. 401-406, 2009.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paul. Enferm.**, v. 19, n. 4, p. 408-413, 2006.

SOUSA, M. C. P.; ESPÍRITO SANTO, A. C. G.; MOTTA, S. C. A. Gênero, vulnerabilidade das mulheres ao HIV/Aids e ações de prevenção em bairro da periferia de Teresina, Piauí, Brasil. **Saúde Soc.**, v. 17, n. 2, p. 58-68, 2008.

SOUZA, A. C. B. **O currículo cultural da série Malhação**: desvelando aspectos pedagógicos endereçados à juventude. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M.; PAULA, M. C. Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n. 1, p. 282-290, jan./fev. 2004.

TEIXEIRA, A. M. F. B. et al. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas de jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 7, p. 1385-1396, jul. 2006.

TONELI, M. J. F.; VAVASSORI, M. B. Sexualidade na adolescência: um estudo sobre jovens homens. **Interações**, v. 9, n. 18, p. 109-126, jul./dez. 2004.

TORRES, C. et al. Investigating the vulnerability and the risks of adolescents in the midst of STD/ HIV/ Aids in their several contexts – a exploratory study. **Online Braz. J. Nurs. North Am.**, feb. 2008. Disponível em:
<<http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2008.1138>>.
Acesso em: 28 Aug. 2011.

TRAMONTE, C. et al. **A comunicação na aldeia global**: cidadãos do planeta face a explosão dos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

VIANA, F. J. M. et al. Factors associated with safe sex among public school students in Minas Gerais, Brazil. **Cad. Saúde Pública**, v. 23, n. 1, p. 43-51, jan. 2007.

VIEIRA, S. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009.

VILLELA, W. V.; DORETO, D. T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**, v. 22, n. 11, p. 2467-2472, 2006.

VITRAL, E. C. T. Comunicação em estudo. **AMAE Educando**, v. 41, n. 360, p. 18-19, nov. 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent health**. Disponível em:
<http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/> . Acesso em: 15 out. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Primeiro questionário

A pesquisa intitulada Influência da novela no comportamento sexual dos adolescentes frente à vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV/AIDS é realizada por pesquisadora da Universidade Federal do Ceará e se destina ao aprimoramento científico na área de adolescente e sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi elaborado o questionário a seguir para ser respondido apenas por adolescentes que atualmente estudam no ensino médio das escolas públicas. Ressalta-se que as respostas obtidas por meio desse serão mantidas em sigilo e serão utilizadas apenas para fins científicos.

Ressalta-se também que esse questionário tem a finalidade de identificar a presença e ausência do hábito de assistir à novela, assim como o sexo e a faixa etária dos adolescentes que assistem e não assistem a novelas.

Dados gerais

1 Nome:

2 Idade:

3 Sexo:

5 Quantas pessoas moram com você? _____ pessoas

6 Você sabe qual a renda da sua casa?

() Sim () Não

7 Se souber a renda de sua casa, assinale a seguir qual a renda aproximada.

- Até meio salário mínimo (R\$255,00)
- Entre meio e um salário mínimo (R\$255,00-510,00)
- Entre um e dois salários mínimos (R\$510,00-1020,00)
- Entre dois e três salários mínimos (R\$1020,00-1530,00)
- Entre três e cinco salários mínimos (R\$1530,00-2550,00)
- Acima de cinco salários mínimos (maior que R\$2550,00)

8 Qual o tipo de relacionamento afetivo que você apresenta no momento?

- Namoro
- Sem relacionamento
- "Fica"

9 Qual a sua situação conjugal?

- Solteiro
- Mora junto
- Casado

10 Você iniciou a sua vida sexual?

- Sim Não

11 Se você iniciou a sua vida sexual, quantos anos você tinha?

_____ anos

Uso do preservativo e hábito de assistir a novelas

1 Uso o preservativo:

- Em todas as relações sexuais
- Em algumas relações sexuais
- Em nenhuma relação sexual

2 Assiste a novelas?

Sim Não

3 Se você assiste a novelas, quantas novelas você assiste por dia?

4 Se você assiste a novelas, quais novelas você assiste?

5 Se você assiste a novelas, qual a emissora de televisão das novelas que você assiste?

Rede Globo () SBT () Rede Record () Outra ()

APÊNDICE B

Segundo questionário

A pesquisa intitulada Influência da telenovela no comportamento sexual dos adolescentes frente à vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV/AIDS é realizada por pesquisadora da Universidade Federal do Ceará e se destina ao aprimoramento científico na área de adolescente e sua vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, foi elaborado o questionário a seguir para ser respondido apenas por adolescentes que atualmente estudam no ensino médio das escolas públicas. Ressalta-se que as respostas obtidas por meio desse serão mantidas em sigilo e serão utilizadas apenas para fins científicos.

A fim de melhorar o entendimento das questões, o questionário é dividido em sessões que são: dados gerais, informações sociodemográficas, e comportamento sexual e telenovela.

Agradecemos antecipadamente a sua colaboração para a pesquisa e nos disponibilizamos para o esclarecimento de dúvidas relacionadas ao assunto abordado pelo questionário.

Dados gerais

1 Data:

2 Identificação:

3 Data de nascimento: ---/---/---

4 Idade: ---anos

Informações sociodemográficas

1 Qual a série que você está cursando? --- série

2 Qual o seu tipo de moradia?

Casa () Apartamento () Outros (). Se outros, qual o seu tipo de moradia? -----

3 O local em que você mora é:

Próprio () Alugado () Outros (). Se outros, explique. -----

4 Quantos cômodos têm no local em que você mora (sala, cozinha, banheiro, quarto):

--- cômodos.

5 Você mora com alguém?

() Sim () Não

6 Se sim, quantas pessoas moram com você?

--- pessoas

7 Quem são essas pessoas que moram com você?

Pai () Mãe () Irmãos () Tios () Primos () Avós () Esposo ou esposa () Namorado ou namorada () Amigos () Outras pessoas ()

Se outras pessoas, quais?-----

8 Quantas pessoas trabalham em sua casa?

--- pessoas

9 Você trabalha?

Sim () Não ()

10 Se trabalha, em que profissão? -----

11 Caso trabalhe, contribui com a renda da casa?

Sim () Não ()

Comportamento sexual e novela

1 Qual tipo de relacionamento afetivo você teve com o seu primeiro parceiro sexual?

- Nenhum, foi a primeira vez que eu o vi
- Estávamos “ficando”
- Éramos namorados
- Éramos casados

2 Por que você decidiu ter a sua primeira relação sexual?

- Curiosidade Atração
- Paixão Amor
- Casamento Pressão da parceira
- Pressão dos amigos Outros. Se outros, qual foi o motivo? -----

3 Hoje, você tem algum parceiro sexual?

Sim Não

4 Se você tem algum parceiro sexual, escreva a quantidade de parceiros.

5 Que tipo de relacionamento afetivo você tem com o(s) seu(s) parceiro(s) sexual?

- Nenhum
- Namoro
- Casamento
- Apenas houve o relacionamento sexual mediante pagamento
- Outro. Se outro, qual?-----

6 Se você assiste à novela, com qual frequência você a assiste?

- 1 vez por dia
- 2 vezes por dia
- 3 vezes por dia
- mais de 3 vezes por dia.

7 O que mais lhe chama atenção nas novelas?

- Os atores ou atrizes
- O cenário
- As brigas ou confusões
- As cenas de romance
- As cenas de comédia
- As cenas de sexo

Outras questões. Se outras, quais? -----

8 A novela influenciou a sua decisão em ter a sua primeira relação sexual?

Sim Não

9 A novela o estimula a continuar ter relações sexuais?

Sim Não

10 A novela o estimula a usar preservativo?

Sim Não

11 A novela o estimula a ter muitos parceiros sexuais?

Sim Não

12 A novela influencia o seu comportamento sexual?

Sim Não

13 A novela veicula cenas de sexo entre adolescentes?

Sim Não

14 Se acha que a novela veicula cenas de sexo entre adolescentes, estas cenas influenciam o seu comportamento sexual?

Sim Não

15 Você aprendeu algo sobre prevenção do HIV ao assistir às novelas?

Sim Não

APÊNDICE C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada: **Influência da telenovela no uso do preservativo pelos adolescentes masculinos na prevenção do HIV/AIDS** que tem como objetivo geral **investigar a influência da telenovela no comportamento sexual do adolescente frente à vulnerabilidade à infecção pelo vírus HIV**. Sua participação é importante, você não deve participar contra a sua vontade e sem a autorização do seu responsável. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Para a coleta dos dados, teremos a aplicação de um questionário com os adolescentes. É importante destacar que a aplicação do questionário acontecerá no horário das aulas.

Tendo em vista a importância de sua participação nesta pesquisa, convido-o a participar do estudo, mediante a autorização do seu responsável, sendo necessário esclarecer que: a sua participação deverá ser de livre e de espontânea vontade; ao participar da pesquisa, você não ficará exposto a nenhum risco; a sua identidade será mantida em sigilo. Informo, ainda, que:

- ❖ Você tem direito de não participar desta pesquisa, se assim desejar.
- ❖ Certifico que os participantes do estudo não terão nenhuma despesa de qualquer natureza.
- ❖ Garanto-lhe o anonimato e segredo quanto ao seu nome, e quanto às informações dadas durante a pesquisa. Não divulgarei nenhuma informação que possa identificar você ou seu(s) filho(s) ou que esteja relacionada com a intimidade da sua família.
- ❖ Mesmo tendo aceitado participar, se por qualquer motivo, durante o andamento da pesquisa, resolver desistir, tem toda a liberdade para retirar o seu consentimento.
- ❖ Você não receberá nenhum pagamento para participar da pesquisa.
- ❖ Somente após devidamente esclarecida e ter entendido o que foi explicado acima, você deverá assinar este documento em duas vias, ficando uma com o participante e a outra com o pesquisador.

Endereço do responsável pela pesquisa:
Nome: Fernanda Lima Aragão Dias
Instituição: Universidade Federal do Ceará
Endereço: Rua Alexandre Baraúna, 1266 - Rodolfo Teófilo.
Telefone para contatos: 3366.8461

Também podemos informá-los que diante de qualquer dúvida, poderá buscar esclarecimentos no Comitê de Ética (COMEPE) da Universidade Federal do Ceará situado na Rua Coronel Nunes de Melo, 1127. Rodolfo Teófilo. Telefone: 3366-8338.

CONSENTIMENTO DO SUJEITO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso eu **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.**

<hr/> Assinatura do voluntário (Aluno) <hr/>	<hr/> Nome e assinatura do(s) responsável (eis) pelo estudo. <hr/>
Assinatura do responsável pelo voluntário (Pais ou responsável legal) <hr/>	<hr/> Nome do profissional que aplicou o TCLE <hr/>
Testemunha <hr/>	

DADOS DO VOLUNTÁRIO:

Endereço:

Telefone:

ANEXO

Anexo A
Parecer do Comitê de Ética